

A alegria da profecia



**Carta do Casante, Pe. Miguel Tofful,
à Família Calabriana**

- Família Calabriana -

A alegria da profecia

Carta do Casante, Pe. Miguel Tofful,
à Família Calabriana



Verona, 8 setembro de 2017

“Depois, derramarei meu espírito sobre todos; vossos filhos e filhas profetizarão, vossos anciãos terão sonhos e vossos jovens terão visões”.

(Jl 3, 1-2)

*“A Obra, como tantas vezes vos disse, tem uma **relação especial com a hora presente**: Jesus olha para nós e pede uma contribuição eficaz da nossa vida para a realização de seus desígnios de misericórdia para a hora presente”¹*

¹ Pe. CALABRIA, [Carta na qual fala Pe. Calábria ao Card. Schuster da sua de 11 de abril de 1952 e por ele mesmo assinada].

Caríssimos Irmãos e Irmãs da Família Calabriana,

1. A alegria da profecia, que nasce da radicalidade evangélica e calabriana, encha a nossa vida, para que possamos ser faróis acesos e testemunhas da Paternidade de Deus no mundo de hoje.

Com esta segunda carta do sexênio quero dar continuidade à temática iniciada na primeira² e introduzir o assunto deste triênio, que envolverá toda a Família Calabriana na reflexão sobre a profecia e a evangelização.

2. A profecia de que falamos não se refere às previsões do futuro e muito menos falar de alguém que realiza proezas para chamar a atenção dos observadores. A profecia é uma mensagem inspirada por Deus, uma revelação divina a uma pessoa ou a uma comunidade que a acolhe. O profeta, portanto, é uma pessoa ou uma comunidade que recebe estas mensagens da parte de Deus e a transmite aos outros com palavras e gestos concretos, que por si, são eloquentes. Para nós, a profecia é suscitar a criatividade nascida nos sonhos do nosso Fundador, a qual possui uma mensagem de Deus muito importante para comunicar ao mundo no momento em que vivemos: *“A Obra é para os tempos atuais”*.

3. A alegria da profecia que propomos, portanto, se encarna e brota do chamado à vida cristã e consagrada, refere-se ao evangelho *“sine glossa”* e encontra sobretudo no nosso fundador, Pe. João Calábria, as coordenadas para ler hoje, a sua experiência mais profunda. Indica também o modo de anunciar, de denunciar e a transformação do mundo, com uma particular preocupação para com os mais vulneráveis. Por fim, quer dizer sair da mundanidade, de todos aqueles modos de pensar e de agir que não nos dão a verdadeira alegria e uma plenitude de vida humana, cristã e consagrada. Tudo isto é possível vivê-lo amadurecendo a consciência da própria identidade profética, para nos tornarem testemunhas corajosas e fidedignas, guiadas pela força do Espírito Santo.

4. *“A certeza de que ‘todo o mundo é de Deus’ alimentava em Pe. Calábria a paixão pelo anúncio do evangelho. Animados pela mesma paixão, somos enviados*

² P. MIGUEL TOFFUL, A alegria da Radicalidade. Carta do Casante à Família Calabriana, 8 de dezembro de 2014.

*aos mais diversos lugares do mundo, dando preferência às fronteiras, ao deserto e às periferias para anunciar com alegria a boa notícia da paternidade de Deus*³. Trata-se de uma profecia estreitamente relacionada com os sinais dos tempos, que anuncia, denuncia e se envolve com a realidade do mundo hodierno. É necessário evidenciar a estreita relação da profecia com a missão da vida cristã e consagrada, em particular referindo-se à vida fraterna, aos pobres, à justiça, à injustiça e ao martírio.

5. A nossa reflexão se articula em três momentos fundamentais, que desenvolvem três aspectos ligados à alegria da profecia: a luz da Palavra de Deus, as intuições carismáticas de São João Calábria e o nosso empenho profético nos tempos atuais.

No primeiro capítulo, **“A profecia na Sagrada Escritura”**, evidenciaremos alguns aspectos da profecia que iluminam a nossa vida e missão profética. Com um olhar profundo e cuidadoso percorreremos algumas expressões da profecia no Antigo e no Novo Testamento.

No segundo capítulo, a nossa reflexão quer evidenciar **“A profecia de São João Calábria”**. Observaremos com particular atenção a sua mensagem e as suas escolhas concretas, que fizeram dele um testemunho vivo do evangelho.

Finalmente, no terceiro capítulo procuraremos explicitar concretamente o que significa **“Viver hoje a profecia dentro da Família Calabriana”**. Aprofundaremos a profecia do estilo de vida e a confiança na Providência; a profecia das escolhas proféticas, não as repetições; a profecia da fragilidade; a profecia da missão com os pobres e marginalizados; a profecia da nossa proximidade aos jovens e às famílias; a profecia da gestão evangélica e carismática.

6. Desejo que este caminho, feito na simplicidade, sem pretensões de esgotar o tema, seja um instrumento valioso para a nossa reflexão e partilha. A redescoberta da alegria da profecia nos ajude a crescer na consciência da grande responsabilidade que temos na partilha e na vivência do único Carisma, o qual nos une no testemunho, profecia e evangelização.

³ Cfr. POBRES SERVOS DA DIVINA PROVIDÊNCIA, “Testemunhas em toda a terra”. Documento final do XI Capítulo Geral, pag. 14.

I - A PROFECIA NA SAGRADA ESCRITURA

“A verdadeira profecia nasce de Deus, da amizade com Ele, da escuta diligente da sua Palavra nas diversas circunstâncias da história. O profeta sente arder no coração a paixão pela santidade de Deus e, depois de ter acolhido a palavra no diálogo da oração, proclama-a com a vida, com os lábios e com os gestos, fazendo-se porta-voz de Deus contra o mal e o pecado” (VC84b).

7. Quando se fala de vocação profética do cristão ou do religioso, aparece imediatamente, como ponto de referência necessário, para compreender as suas implicações, a figura dos profetas bíblicos do Antigo e do Novo Testamento. O tema da profecia na Sagrada Escritura é vasto, complexo e possui sua originalidade com relação ao fenômeno profético no contexto extra bíblico. Para a nossa reflexão sobre a *“Alegria da profecia”* levamos em consideração somente alguns aspectos bíblicos da profecia, que possam iluminar a nossa vida e a nossa missão hoje. O fio condutor que une a nossa reflexão é a fiel consciência que o contato assíduo, comprometido e obediente com a Palavra, guiada pelo Espírito Santo, é a condição para conseguir reencontrar e despertar a audácia das escolhas proféticas e a paixão de traduzir estas escolhas *com e na* própria vida. A profecia existe quando existe vida profética encarnada no cotidiano.

8. Nesta perspectiva propomos, inicialmente, uma descrição da figura do profeta e da profetisa em geral; num segundo momento nos deixaremos guiar por alguns trechos que descrevem o rosto do profeta e da profecia. Ao mesmo tempo em que descrevemos a figura do profeta e contemplamos o seu rosto somos convidados a *“medir a temperatura da nossa profecia”* que manifestamos com a nossa vida e missão.

É evidente que nem todas as características do profeta bíblico são tão importantes. Existem algumas que podem ser consideradas traços essenciais e, por este motivo, não é possível que falem num autêntico profeta ou mesmo na profecia. Nestes nos debruçaremos, como prévio passo para as nossas reflexões sobre a vocação profética da vida religiosa e cristã na Família Calabriana.

9. Um *primeiro aspecto* a ser considerado é que o carisma profético está ligado a *uma vocação*. A tradição bíblica nos ensina que o profeta, a profetisa e a profecia não nascem na mesa de trabalho, não são fruto de uma assembleia do povo de Deus e muito menos de uma iniciativa pessoal. A profecia e os profetas são um “*trabalho criativo de Deus*”; é Ele quem plasma os seus profetas e suscita a profecia. Este também é um critério para discernir se a profecia e o profeta possuem “*o perfume de Deus*” e servem o seu povo, ou estão a serviço do poder, dos poderosos e de seus próprios projetos.

10. O *segundo elemento* que caracteriza a figura profética é a *Palavra*. O profeta e a profetisa são pessoas da Palavra, que pertencem à Palavra. É uma Palavra recebida, que vem do alto, configura um novo estilo de vida e é encarnada na história. Justamente porque são mulheres e homens da Palavra, a profetisa e o profeta são, ao mesmo tempo, pessoas de escuta profunda e radical: “*escuta do falar de Deus e escuta do falar da história.*” Esta paixão pela Palavra de Deus se manifesta pela proclamação da Palavra recebida e pelos gestos simbólicos que o profeta vive no meio do povo de Deus. Não se percebe nunca o suficiente que toda esta paixão é fruto da relação pessoal cotidiana com o Senhor que deseja nos falar. O profeta Isaias exprime de modo intenso e prático a paixão pela Palavra de Deus: “*O Senhor Deus deu-me a língua de um discípulo para que eu saiba reconfortar pela palavra o que está abatido. Cada manhã ele desperta meus ouvidos para que escute como discípulo*” (Is 50,4).

11. A *terceira característica* que nos ajuda a compreender a essência do profetismo e da figura profética é o *envolvimento do profeta e da profetisa na história*. O lugar onde se pode viver a profecia e a missão profética é a história e a maneira concreta para fazê-lo é o envolvimento. Homem e mulher de profunda experiência de Deus e de sua Palavra, o profeta e a profetisa envolvem-se concretamente nos acontecimentos humanos em todas as suas dimensões: política, econômica, religiosa, social.... Neste sentido basta recordar as três duplas de verbos que condensam a missão do profeta Jeremias: “*arrancar e demolir, arruinar e destruir, edificar e plantar*” (Jr 1, 10).

12. Uma *quarta característica* da identidade profética é a *intercessão*. O profeta e a profetisa são fiéis a Deus e solidários com o seu povo. Anunciam as exigências de Deus para o seu povo, e ao mesmo tempo, representam o povo diante de Deus,

colocando as vestes de ministros da intercessão. É importante evidenciar que esta característica de intercessão a encontramos já no patriarca Abraão e em Moisés, aos quais a tradição hebraica atribuiu o carisma profético num modo emocional e paradigmático. Um belo exemplo desta intercessão a encontramos em Amós: "*Senhor, tende misericórdia! Como poderá resistir Jacó, sendo ele tão pequeno?*" (Am 7,2).

13. A quinta característica da identidade profética é o ser *sinal de contradição*. O carisma profético não contempla sucesso visível ou resultados vistosos. A autenticidade da profecia e da vida profética carrega consigo a possibilidade da rejeição por parte das pessoas a que é enviada. Muitas vezes o profeta, a profetisa e os seus enunciados são vistos como ameaças à segurança, sobre a qual pousa o formalismo religioso e político de uma comunidade. Na tradição hebraica e mais tarde também na cristã, existe um estreito vínculo entre profecia e martírio. Procurar eliminar o sinal de contradição é a reação típica daquele que não quer acolher o convite a "*retornar ao Senhor com todo o coração, com jejuns, lágrimas e gemidos de luto*" (Jl 2,12).

14. A sexta característica da identidade profética é realizar a missão na fraqueza. Uma experiência comum aos profetas é a do próprio limite e fraqueza na realização da missão. Isto não aparece somente no momento de seu chamado e eleição, quando a consciência da desproporção entre aquilo que são e aquilo que lhes é solicitado se torna evidente e os leva a fazer objeções (Jr 1,6; Is 6,5). Suportam também o peso que comporta responder com fidelidade às exigências do serviço que o Senhor lhes pede. A força de Deus e a certeza da sua Palavra animará o profeta a enfrentar todos os riscos e a superar as resistências de sua pobreza e limites humanos. Muitas vezes devem percorrer um caminho na obscuridade da fé e no compromisso da esperança. Esta experiência da fraqueza ajuda o profeta e a profetisa a não se apoiar nas próprias forças e condições humanas, mas na força de Deus, que vem ao encontro de toda fragilidade, quando nos abandonamos n'Ele.

A profecia no Antigo Testamento: “Ser a boca de Deus”.

15. Dissemos acima que a vocação profética e a profecia são frutos da ação de Deus: a iniciativa é sua. O Senhor plasma os seus profetas e as suas profetisas para que anunciem à comunidade a sua Palavra e os seus projetos. Deus mesmo define

os seus profetas com a expressão simbólica que dirige a Jeremias: “*Serás como a minha boca*” (Jr 15,19). Evidentemente ser a *boca de Deus* no meio do seu povo comporta na necessidade de “*sujeitar-se às ações divinas*”, que plasmam o profeta e o capacitam para a missão. Enquanto contemplamos estas ações divinas que plasmam o profeta, somos convidados a acolher e sujeitar-nos às mesmas ações na nossa vida e na nossa missão. Estas são algumas condições para que a minha vida se torne profecia no mundo.

“O Espírito entrou em mim... levanta-te e escuta” (Ez 2,1-2).

16. A missão profética e a profecia são acontecimentos ligados ao Espírito do Senhor. Para a teologia e a espiritualidade do Antigo Testamento, o profeta e a profetisa são pessoas guiadas pelos Espírito de Deus, e tudo o que fazem ou dizem brota desta presença, que inunda a sua vida. Sem o Espírito do Senhor não existe o profeta, a profetisa e a profecia. Este Espírito quando chega e entra na vida de uma pessoa, faz surgir alguns movimentos. O primeiro movimento que o Espírito de Deus suscita é o de por a pessoa em pé. O profeta Ezequiel o descreve de modo simples mas comovente: “*Filho do homem, dizia-me, fica de pé, porque eu te falo! Enquanto ele me falava, entrou o espírito em mim, e me fez ficar de pé; então ouvi aquele que me falava*” (Ez 2,1-2). *Levanta-te* é o clássico verbo que fala da disponibilidade a iniciar algo de novo, a pôr-se a caminho.

17. Antes de pôr-se a caminho a pessoa é chamada a viver um segundo movimento: *escutar aquele que fala*. *Levanta-te e escuta* são dois imperativos que o profeta e a profetisa devem aprender a conjugar na sua vida e missão. A qualidade e autenticidade da profecia tem como ponto de partida um movimento – *Levanta-te!* - e uma atitude – *Escuta!* Mas, para evitar que estes dois verbos permaneçam somente como uma experiência teórica, que não incide sobre a vida, é necessário um terceiro movimento – *anunciar*. Para anunciar a palavra ouvida, o profeta e a profetisa devem ir, viver uma espécie de êxodo, de uma saída em direção à missão que o Senhor lhes confia. *Levanta-te, escuta e anuncia* são ações divinas que plasmam a vida do profeta e da profetisa e indicam um novo horizonte para a sua vida.

a) “Toma e coma este rolo” (Ez 3,1).

18. Para ser “*a boca de Deus no meio do seu povo*” o profeta e a profetisa são convidados a tomar o livro e a comer a Palavra. Nesta etapa da *criação e formação* à profecia, o verbo fundamental é mesmo *comer*. *Comer* na tradição bíblica significa integrar, encarnar na vida, fazer tornar parte de mim. *Comer a Palavra* significa interiorizá-la e deixar-se modelar por ela na profundidade do coração e da vida. Comendo a Palavra, o profeta e a profetisa educam o seu linguajar e enriquecem o vocabulário do seu coração, de modo que o seu falar esteja em sintonia com a Palavra de Deus, e, sobretudo, seja epifania da Palavra de Deus. Agora, não é somente o Espírito, mas também é a Palavra de Deus que nutre a vida e faz nutrir a profecia.

19. Todo profeta vive esta chegada da Palavra em sua vida em modalidades diversas. Ezequiel é convidado a comer o rolo; Jeremias disse que “*o Senhor estendeu a mão, tocou minha boca e disse: Veja, estou colocando minhas palavras em tua boca*” (Jr 1,9); Isaías vive a experiência do Serafim que toca a sua boca com uma brasa ardente e purifica os seus lábios (Is 6,6); a profetisa Miriam, cheia de alegria, reconhece a ação de Deus que liberta o seu povo e convida a cantar e a dançar (Ex 15,20-21). Comer a Palavra ou deixar que Deus mesmo ponha a sua Palavra na boca são modos de narrar para dizer que Deus plasma a boca do profeta e da profetisa, para que eles sejam anunciadores da Palavra e do projeto do Senhor para o seu povo.

b) A vida do profeta é sinal e opera sinais.

20. O profeta e a profetisa recebem a missão de anunciar a mensagem de Deus ao seu povo. Para viver esta missão, o profeta, não fala somente daquilo que Deus lhe tem dito e solicitado a falar. Muitas vezes este falar se exprime por meio de ações simbólicas, que executa diante do povo. Os gestos simbólicos têm a finalidade de ajudar as pessoas a refletir sobre sua vida e iniciar um caminho de conversão e retorno a Deus e à sua Palavra. Jeremias deve comprar uma jarra de barro e quebrá-la diante dos olhos dos anciãos do povo e dos sacerdotes (Jr 19,1-13): símbolo da destruição para a qual caminha o reino de Judá; Isaías andou nu e descalço pelas estradas de Jerusalém (Is 20,2-5): metáfora do exílio que estava chegando; Ezequiel

anuncia a deportação para a Babilônia, percorrendo as estradas da cidade de Jerusalém com a bagagem nas costas, como se fosse um deportado (Ez 12,3-7).

21. Existem, no entanto, momentos e situações em que o profeta deve ser sinal da mensagem, encarnar na própria vida o que anuncia aos outros. Em outras palavras: o instrumento primordial da profecia é a própria vida do profeta, que se torna sinal de contradição e anúncio com a própria vida. O profeta Oseias, por exemplo, deve desposar uma prostituta e gerar filhos da prostituição, para simbolizar Israel que traiu o Senhor e está praticando a idolatria, símbolo do adultério espiritual (Os 1,1-9); Jeremias é convidado a não se casar, a assumir o celibato e não ter filhos. E isto num contexto em que casar e ter filhos era sinal de bênção (Jr 16,1-13). Contemplando a vida e a missão dos profetas, descobrimos esta dúplici realidade da profecia: *ser sinal profético com a vida e operar sinais*.

A profecia no Novo Testamento: “*Ser comunidade profética*”.

22. No Novo Testamento encontramos uma continuidade e uma novidade a respeito da profecia. *Continuidade* porque todos os elementos que caracterizam o profeta, a profetisa e a profecia no Antigo Testamento não são superados, mas levados a pleno cumprimento. Neste sentido, não basta observar Jesus na Sinagoga de Nazaré, que assume o trecho do profeta Isaías como programa de sua vida e missão messiânica: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano da graça do Senhor*” (Lc 4,18-19).

Outro exemplo o encontramos nos *Atos dos Apóstolos*, quando o Espírito Santo pede para que Filipe vá pela estrada para encontrar o eunuco e anunciar-lhe Jesus Cristo (At 8,26-40). As dinâmicas são as mesmas presentes nos antigos profetas: *a presença do Espírito do Senhor, uma Palavra (boa notícia) que deve ser anunciada e o convite a mudar de vida*.

23. No Novo testamento, segundo a tradição cristã, encontramos uma *novidade* com relação à profecia: a comunidade do Ressuscitado é chamada a tornar-se *comunidade profética*. A profecia, graças à Páscoa de Jesus, adquire uma dúplici dimensão: *pessoal* – todo batizado recebe uma vocação profética, e *comunitária* – a comunidade que nasce da Páscoa deve ser sinal profético do ressuscitado no mundo. Esta intuição teológica e espiritual a encontramos no discurso de Pedro no

dia de Pentecostes, quando cita a profecia de Joel para explicar o que está acontecendo: “*Nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei o meu Espírito sobre toda carne, e vossos filhos e filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões e os vossos anciãos terão sonhos; mesmo sobre os meus escravos e escravas derramarei do meu Espírito, naqueles dias, e profetizarão*” (At 2,17-18).

24. A comunidade pascal, que encontra sua plena realização no Pentecostes, torna-se profecia da ressurreição de Cristo no mundo. Sinal de vida profética não será somente a pessoa, o discípulo que segue Jesus, mas também a comunidade dos discípulos e o seu modo de viver as relações na história. É o que a teologia do Novo Testamento chama de *profecia da fraternidade*.

É uma profecia que tem a capacidade de convencer o mundo a crer e acolher o amor do Pai, revelado a nós pelo Filho amado. Vejamos algumas características da comunidade do Ressuscitado, que se torna profecia no mundo e anúncio do Evangelho com a vida.

a) Cenáculo da intimidade: A sala de cima (At 1,12-14).

25. Dissemos no início da nossa reflexão, que o profeta e a profetisa são uma “*obra criativa de Deus*”; é Ele quem plasma e dá forma à vida profética. A comunidade profética, a qual vive a profecia no mundo, é fruto de um “*trabalho divino, pascal e pneumático*”, realizado na sala que se encontra no plano superior. A constatação de uma sala que se encontra no plano superior a encontramos nos evangelhos e nos Atos dos Apóstolos. Primeiramente trata-se do Cenáculo, depois esta sala se torna o símbolo do lugar onde se reúne a comunidade do Ressuscitado, espalhada pela Ásia menor e hoje em todo o mundo. O que o Senhor fazia com uma pessoa em particular, para torná-la profética, agora o mesmo Senhor, por meio do Espírito Santo, o realiza com a comunidade, que se reúne na sala de cima.

26. A *sala de cima* é o lugar dos acontecimentos fundamentais da vida de Jesus e da comunidade nascente: a ceia pascal (*eucaristia*), o lava-pés (*serviço*), o mandamento do amor (*caridade*), os segredos de Jesus partilhados com os discípulos (*intimidade, amizade*), o lugar onde se percebe a fragilidade e o medo dos discípulos (*humanidade*), o lugar onde a comunidade se refugia por medo dos judeus (*segurança*), o lugar da manifestação do Ressuscitado (*reinício*,

renovação), o lugar da oração à espera do Espírito Santo (*relação, comunhão*), o lugar do primeiro Pentecostes cristão e nascimento da Igreja.

A *comunidade profética* é plasmada na sala de cima, e o coração da comunidade profética frequentará as periferias do mundo se estiver vitalmente radicada nos conteúdos da sala de cima. É frequentando assiduamente o *cenáculo da intimidade* com o Senhor ressuscitado, escutando a sua Palavra e deixando-se plasmar pelo seu Espírito que a comunidade se torna profecia de vida e de ressurreição na história.

b) Nós e o Espírito Santo somos testemunhas (At 5,32).

27. A comunidade pascal revela a sua profecia pelo testemunho. Para a teologia e a espiritualidade do Novo Testamento, ser profeta significa ser testemunha de Jesus Cristo, o Crucificado ressuscitado. Enquanto vive este testemunho a comunidade é profética e anuncia ao mundo um estilo de vida alternativo e salvífico, o qual tem sua origem no mistério pascal. O testemunho dos primeiros cristãos era tão evidente e cristalino que eram reconhecidos e estimados pelos amor fraterno. De fato, dizia-se deles, “*vejam como se amam*”, e os pagãos se convertiam porque viam a beleza profética do amor traduzido em gestos e em relações novas e fraternas. A profecia que se revela no testemunho *crente e credível*, torna atraente, elegante e gera uma humanidade verdadeira, livre e bela. Neste sentido a comunidade profética se torna fermento que transforma a história e transfigura as situações e os contextos que desfiguram o ser humano e a vida social nas mais variadas dimensões. Mas, para receber e ter esta qualidade atraente e profética não pode faltar no testemunho alguns elementos. Entre estes propomos três: testemunho no Espírito Santo; testemunho ligado a um evento fundante; testemunho que traduz no hoje os frutos do evento fundante.

28. O testemunho profético é fruto do encontro entre a comunidade e o Espírito Santo. Sem a presença do Espírito Santo não existe profecia e muito menos testemunho do evangelho. A resposta de Pedro e da comunidade dada ao sinédrio é clara e decidida: “*O Deus de nossos pais suscitou Jesus, a quem vós matastes, pregando-o numa cruz. Deus, porém, por seu poder, o exaltou, tornando-o Chefe e Salvador, para propiciar a Israel a conversão e o perdão dos seus pecados. E disso somos testemunhas, nós e o Espírito Santo, que Deus concedeu àqueles que lhe obedecem*” (At 5,30-32). Um testemunho com qualidade e sabor profético está

ligado a um evento: a pessoa de Jesus Cristo, a sua vida, paixão, morte e ressurreição. “*Pois não foi seguindo fábulas habilmente inventadas que vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, mas sim, por termos sido testemunhas oculares da sua grandeza*” (2Pd 1,16). Não é uma profecia ligada a uma fábula ou a um personagem mitológico. É um testemunho inserido radicalmente na vida do Filho de Deus feito carne entre nós. Este testemunho profético, justamente por ter sua origem no mistério pascal de Cristo, dá à comunidade a capacidade de ler os sinais daquele acontecimento no hoje da história.

c) Cenáculo da estrada: Ide e proclamai o Evangelho (Mc 16,15).

29. A comunidade profética, plasmada no *Cenáculo da intimidade* com o Senhor, exprime a sua profecia não somente nas relações que vive *ad intra*, mas também nas relações *ad extra*. O *Cenáculo da intimidade* tem o seu banco de prova no *Cenáculo da estrada*, onde a profecia da fraternidade “*deve tocar sem medo a carne de Cristo*” nos pobres e marginalizados que encontra (Papa Francisco).

É o mesmo Espírito que plasma e estimula a comunidade profética a ir às periferias existenciais, para ser sinal concreto do mundo novo, reconciliado e fraterno. É lindo contemplar o momento do primeiro Pentecostes cristão, quando a comunidade reunida no cenáculo recebe o Espírito Santo; mas, muito mais lindo é poder contemplar a mesma comunidade que sai do cenáculo e, cheia do Espírito, anuncia Jesus Cristo vivo diante de todos, com *paresia e alegria* (At, 2) Sem o *Cenáculo da estrada*, o *Cenáculo da intimidade* com o Senhor torna-se um ambiente fechado, fossiliza a comunidade e as suas relações; uma comunidade nestas condições adoece, enfraquece a sua identidade e acaba por morrer em si mesma.

30. O *Cenáculo da estrada*, nesta perspectiva, não é somente o banco de prova para a comunidade; a estrada e as suas dinâmicas torna-se um lugar onde a comunidade continua a ser plasmada pelo Espírito Santo. Enquanto vive o testemunho do Ressuscitado percorrendo as estradas do mundo e indo para as periferias existenciais, para proclamar o evangelho, a comunidade melhora a sua capacidade profética e purifica o seu modo de pôr-se no mundo. Um exemplo entre tantos, que nos ajuda a perceber este processo, o encontramos na narração dos *Atos dos Apóstolos*, capítulo 15, quando as primeiras comunidades, abandonando o

conhecido mundo hebraico, devem medir forças com a cultura grega e um “*mundo pagão*”. Nesta decisão a comunidade apostólica encontra manifestações culturais e espirituais diferentes das que tinham aprendido. Como anunciar o evangelho neste contexto cultural? Hoje nós encontramos o mesmo desafio no anúncio do evangelho. Mudamos os contextos histórico-culturais, mas o mandato de Jesus e a nossa missão permanecem os mesmos: “*Ide e proclamai o evangelho a toda criatura*” (Mc 16,15); “*Eu estou convosco todos os dias, até o fim do mundo*” (Mt 28,20).

31. O olhar bíblico sobre o tema da profecia nos apresentou alguns elementos que configuram a vida profética pessoal e comunitária. A insistência volta sempre sobre a necessidade de por no centro dos nossos projetos e dos nossos processos de discernimento, a Palavra de Deus e o Espírito Santo. Quando esta Palavra toma força dentro de nós, nos tornamos profetas, profetisas e comunidades proféticas, que vivem a profecia como um ministério crítico e iluminador. Isto, no entanto, não pode acontecer senão por uma misteriosa experiência de “*modelação interior*”, do desprendimento do obvio e cômodo modo de pensar, para ver, além dos muros de nossas casas, das nossas atividades e das nossas seguranças, os caminhos de uma nova fidelidade ao evangelho e ao carisma; uma fidelidade fecunda e criativa, a qual torna profecia de um estilo de vida alternativo àquele proposto pela “*sociedade líquida, cinzenta e rasa*” do nosso tempo. Esta “*paresia profética*” é fruto da Palavra e do Espírito dentro de nós. “*Ser boca de Deus*” no meio do povo e “*ser uma comunidade profética*”, que testemunha a beleza salvífica de seguir Jesus Cristo, encarnando suas propostas de vida, é a mais urgente profecia a que somos chamados a viver no mundo atual.

II - A PROFECIA DE SÃO JOÃO CALÁBRIA

“A Obra é de Jesus: tantas vezes vo-lo tenho dito e repetido; é Ele o leme da barca, é Ele a alma que dá e conserva a vida da Obra... na Obra podem existir imperfeições materiais e morais: mas, enquanto nos mantivermos fiéis ao espírito puro e genuíno, com que Jesus nos marcou, a Obra irá para frente, crescerá sempre mais e melhor, dilatar-se-á e se aperfeiçoará, como a vida física do corpo; e ampliará os horizontes de bem para a glória de Deus e para o bem das almas”⁴.

32. A maior profecia do Pe. Calábria não é tanto quanto ele disse ou escreveu, e também, de certo modo, o quanto fez, mas a sua própria vida. Desta forma encarnou o evangelho ao ponto de poder ser chamado *evangelho vivo*. Penso que seja o título mais honorífico que a ele tenha sido atribuído. Queria os seus religiosos, religiosas e leigos *“formados no Santo Evangelho vivido”*. Foi o profeta e o artífice de um renovamento evangélico (uma *Apostólica vivendi forma*) que após a Segunda Guerra Mundial implantou na Igreja e nos seminários italianos (e não só) uma rajada de pureza e uma genuína vida apostólica.

33. A atualidade da profecia do Pe. Calábria é ainda mais forte e incisiva: o primado da vida espiritual; acender em todos os recantos o fogo do Reino de Deus (*impisàr foghèti*); a validade do acompanhamento espiritual, ao qual dedicava muito do seu tempo; o ecumenismo; o serviço aos mais pobres e abandonados; a gratuidade – somente para indicar algumas de suas instâncias proféticas.

Queria, no entanto, deter-me sobre algumas dimensões proféticas que me parecem particularmente importantes para a Família Calabriana e para a Igreja na realidade atual.

A Profecia da Santidade

34. A maior profecia de Pe. Calábria é o chamado à santidade. Isto porque a santidade é a maior profecia em absoluto, porque a ela é atribuída toda outra forma

⁴ PE. CALABRIA, [Carta da qual fala Pe. Calábria ao Card. Shuster na sua de 11 de abril de 1952 e por ele mesmo assinada].

de profecia. “Santo, santo, santo” é o tríplice louvor que na Bíblia hebraica é reservado unicamente a Deus. Mas, Deus comunica a sua santidade ao povo que elegeu, chamando-o no culto e na vida a ter um comportamento diverso daquele dos outros povos: “*Sede, portanto santos, porque Eu sou santo!*” (Lv 11,45; 19,2). Toda a profecia do Antigo Testamento se realiza em Jesus Cristo, o “Santo” e por antonomásia, o que foi enviado pelo Pai para santificar a humanidade inteira. Afirma o Apóstolo Pedro: “*Como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos, também vós, em todo o vosso proceder*” (1Pd 1,15).

35. Para os membros da Família Calabriana esta profecia se realiza repensando o próprio chamado. Também para nós Jesus disse: “*Vem e segue-me*”. Segue-me como religioso, como sacerdote, como casado, como leigo comprometido... Cada um de nós poderia fazer um retrospecto da própria vida e recordar circunstâncias, pessoas, leituras, intuições que o levaram a abraçar a sua atual escolha de vida. Aquele foi só um início, mas, não é certamente o fim; sou chamado hoje a segui-lo, serei chamado amanhã, até o último dia de minha vida, porque é o meu chamado à santidade.

36. Este chamado à santidade era sentido muito fortemente na Igreja primitiva, tanto que os cristãos não hesitavam em chamarem a si mesmos de “santos”, e a Igreja como “comunhão dos santos”. Tornar-se membros de Cristo, mediante o batismo, significa aceitar o imperativo de ser santos. Deus, chamando-nos a fazer parte do seu projeto de amor pela Família Calabriana, nos coloca neste programa infinito, que não conhece limites, barreiras ou medidas. Escrevia Pe. Calábria a uma jovem: “*Rezarei por ti, para que possas fazer sempre em tudo, a vontade do Senhor, e tornar-te santa: isto é importante. Onde e como, isto é secundário; importante é tornar-se santa, onde e como Deus quer*”⁵.

a) O chamado à santidade é chamado a permanecer com Ele

37. “*Santifique-se a si mesmos, e santificarás a Obra*”, repetia frequentemente a Pe. Calábria o seu confessor Pe. Natal. Santo é aquele que está unido a uma pessoa, a Jesus Cristo. Não nos admira, portanto, que Pe. Calábria sentisse a santidade como identificação com Cristo. Ele considerava o sacerdote “*alter Christus*”, um

⁵ PE. CALABRIA, Doc. *8577 (Sem data).

outro Cristo, no entanto, podemos dizer o mesmo para cada cristão: és um “*alter Christus*”.

Nós os ramos, Cristo a videira. O ramo deve ter a plena e abundante seiva da videira. É claro, então, que o itinerário da nossa santidade é caracterizado pela atenção, pelo amor e pela escuta do nosso Mestre e Senhor. Isto significava para Pe. Calábria permanecer fielmente com Ele em oração, escutá-lo nas Escrituras, celebrá-lo nos sacramentos, sobretudo a eucaristia e na confissão. “*Por isso, com todo o empenho devemos cultivar a vida interior, que encontrará o seu natural alimento na santa meditação, na récita devota do ofício divino, no santo rosário e em todas as práticas de piedade. Além disso, primemos pelo decoro e o esplendor das santas funções litúrgicas, façamos frequentemente companhia ao Divino Hóspede dos nossos altares*”⁶.

38. Neste sentido podemos falar de uma verdadeira e própria profecia do primado da vida espiritual. Para tornar Cristo vivo e operante em mim, para fazer com que eu possa irradiá-lo, preciso tornar palpitante a minha oração cotidiana, empenhar-me a escutá-lo na sua Palavra, vivê-lo nos sacramentos. Escreve Pe. Calábria: “*Por que um sacerdote que celebra de manhã a santa missa, deve falar de Deus como de um que está longe, enquanto que deveria senti-lo palpitar em si? Ou, ao menos, ter a consciência de sua proximidade no sacramento da eucaristia, falar de Deus apaixonadamente, torná-lo conhecido; falar do Espírito, da sua realidade, da vida futura, da finalidade da vida, da salvação da alma*”⁷.

39. Todas as atividades que realizamos, todos os momentos que vivemos, não tem outro objetivo senão recordar a cada um de nós a nossa obrigação: seja santo, porque esta é a única finalidade da tua vida. “*Se alguém me ama, guardará a minha palavra; meu Pai o amará, e nós viremos e faremos nele a nossa morada*” (Jo 14,23). Assim comentava estas palavras o Prêmio Nobel de Literatura, Francois Mauriac: “*É um caso de experiência: existem tabernáculos vivos, e por vezes, no desenrolar de uma conversação, sem mover os lábios, somos obrigados a adorar a presença visível de Deus num homem*”⁸.

⁶ PE. CALABRIA, Dia de santificação sacerdotal, Santidade sacerdotal, in: Settimana del Clero, 23 (1947), p. 1.

⁷ PE. CALABRIA, Ano Santo, Ano de Santificação, in: Rivista del Clero Italiano, Ano XXX, Fasc. VIII, Agosto 1949.

⁸ F. MAURIAC, Journal, Grasset, Paris 1940, vol. III, p. 45.

b) O chamado à santidade é um chamado a ser instrumentos de salvação.

40. Afirma o documento sobre a vida religiosa: “*O profeta sente arder no coração a paixão pela santidade de Deus e, depois de ter acolhido a palavra no diálogo da oração, proclama-a com a vida, com os lábios e com os gestos, fazendo-se portavoz de Deus contra o mal e o pecado*”⁹.

Pe. Calábria escrevia nas Primeiras Santas Normas de 1908: “*A finalidade pela qual a Divina Providência nos uniu é dupla: em primeiro lugar para que nos preocupemos com a nossa santificação e depois para que nos dediquemos plenamente em cuidar dos pobres meninos abandonados, os quais, pela ausência de uma mão amiga se jogam no caminho da perdição*”.

Segundo Pe. Calábria ser chamado à santidade queria dizer partilhar da mesma missão de Cristo, porque a santidade não é uma tarefa pessoal, mas deve plenificar-se na salvação dos irmãos.

41. Somos chamados a salvar, a Família Calabriana é chamada a salvar. Quem salva é somente Jesus Cristo, mas com a força do seu Espírito somos chamados a colaborar nesta obra de salvação. Se, como dizia Pe. Calábria, “a Obra é de Deus”, então quer dizer que quase nos revestiu de sua missão de salvação? O que significa ser proféticos nesta missão de salvação? Creio que, no momento presente, consista no superar certa forma de acomodamento que sufoca a nossa vida, as nossas estruturas e as nossas atividades. Temos dificuldade de ir além do estabelecido, de nos desapegarmos de vínculos com instituições que acabam por prender a si, casas, pessoas, atividades. Pe. Calábria sonhava com as equipes apostólicas de pronto atendimento – nós, no entanto, não somos “ágeis”, temos dificuldade em nos movimentarmos com rapidez lá onde o Espírito indica, para escutar o grito das novas pobrezaas.

42. O documento guia sobre a caridade é a *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco. No capítulo V ele afirma uma coisa importante: se és capaz de adorar és capaz de agir. A verdadeira ação nos leva à adoração; por sua vez, a adoração nos lança na ação. Se na ação não se chega a adorar quer dizer que não se está vivendo plenamente a experiência de Pe. Calábria. Portanto, se és capaz de agir, és capaz de adorar, e se és capaz de adorar, és também capaz de agir.

⁹ GIOVANNI PAOLO II, *Vita Consecrata*, 84.

Por outro lado, se verificarmos a história da nossa Congregação, onde nasceu o carisma de Pe. Calábria, senão num encontro? O encontro com o evangelho numa noite insone de Pe. Calábria: “*Descobri o evangelho!*” – e o encontro com um menino numa noite, filho de ciganos, deitado na soleira da casa do clérigo Calábria. Foram estes encontros que suscitaram o carisma.

43. Ir às origens para nós hoje significa dizer, fazer de modo que o carisma que recebemos reviva profeticamente em nós pelo encontro com o evangelho e com os pobres. Quem no decorrer dos séculos mudou a sociedade para melhor? Os santos. Pessoas simples, desprovidas de poderes e recursos humanos, os quais tiveram um encontro forte com Jesus Cristo e se sentiram impulsionados por aquela paixão semelhante a de Jesus para com os irmãos. Escreve o Papa Francisco: “*Eu sou uma missão* nesta terra, e para isso estou neste mundo”¹⁰.

A Profecia da Comunidade.

44. Ninguém se santifica sozinho. A profecia da comunidade é a lógica consequência da profecia da santidade. “*Nós sabemos que passamos da morte para a vida se amarmos os irmãos*” (1Jo 3,14); é este o êxodo pascal que devemos fazer, o qual nos faz passar da escravidão do egoísmo para a liberdade do amor. O lugar da doação de nós mesmos, para quem é religioso, é principalmente a comunidade, e para quem é leigo é sobretudo a família. “*Onde há caridade e amor, aí está Deus*”, e Deus se manifesta em todas as formas de amor.

Está escrito nas Primeiras Normas que o Pe. Calábria nos deixou: “*Antes de tudo acolher-se como irmãos e como tais amar-se reciprocamente um ao outro e ajudar-se especialmente na vida espiritual.*”¹¹ Esta é a comunidade que sonhava Pe. Calábria – uma comunidade que faz todos falar a linguagem da caridade.

45. Pe. Calábria era um mestre no valorizar as diferenças e no harmonizar cada riqueza individual. Um exemplo para todos: os irmãos da primeira hora, isto é, os irmãos dos inícios de 1909, eram pessoas completamente diferentes, no caráter e na idade.¹² Era uma comunidade onde havia de tudo um pouco, caracteres,

¹⁰ PAPA FRANCESCO, *Evangelii Gaudium*, 273.

¹¹ PE. CALABRIA, *Santas Normas* 1908.

¹² Desde o início Pe. Calábria sabe captar o valor de uma pessoa difícil para gerir. Como Pe. Diodato Desenzani, e o torna um precioso colaborador nos anos do nascimento (primeiramente na Rua Case Rotte e depois em São Zeno in Monte). No mês de fevereiro de 1909 Pe. Calábria acolhe em casa Ir. Máximo Besozzi, de 47 anos; era operário chefe do Arsenal de Vero e um dos responsáveis do Movimento Católico Veronês. Com Pe. João Calábria torna-se o *factotum* da nascente Obra, e grande parte da

estruturas mentais, educação e capacidades. No entanto, em pouco mais de um ano aquele grupo tão diversificado de pessoas, se torna uma família viva e um corpo diretivo altamente qualificado. O elo deles era o sentir-se irmãos, sentir-se chamados a partilhar o mesmo carisma da paternidade de Deus e do abandono à Divina Providência, sob o estímulo de Pe. Calábria. Devemos ao Espírito Santo, à capacidade que tinha Pe. Calábria de harmonizar e valorizar cada talento, e o desejo da santidade presente em cada um deles, se daquele grupo tão heterogêneo de pessoas nasceu a Obra.

a) Olhar-se como irmãos

46. “*Vejam como se amam*”: é uma fortíssima profecia! Comove e tem um grande impacto vocacional. A profecia para nós hoje é a mesma de então: antes de tudo olhar-se como irmãos e como tais ajudar-se mutuamente, sobretudo na vida espiritual, e serviço aos pobres. A profecia a que somos chamados é que no seio das nossas comunidades se preste, como irmãos, ajuda recíproca. Ajudarmo-nos reciprocamente para que cada um possa realizar a sua própria vocação, com a própria história e riquezas pessoais, numa missão comum, continuamente escolhida e desejada na fidelidade criativa. Não se trata de uma exaltação individualista, tão fortemente presente na cultura hodierna. É, ao invés, um chamado à doação total de si, para manifestar as próprias potencialidades de generosidade, de criatividade, de fecundidade. Pode-se doar também renunciando a capacidades, talentos, projetos pessoais, em vista do próprio crescimento humano e espiritual, em algum momento da própria história pessoal.

47. Pe. Calábria tem uma belíssima imagem sobre a comunidade numa mensagem vespertina dirigida aos religiosos: “*Numa empresa destinada a acolher mais operários, os quais, todos, conforme a sua profissão, segundo a especialidade que possuem, cuidam da própria máquina – isto para executar o seu trabalho e trabalho perfeito – é necessário, absolutamente necessário, que cada coisa esteja no seu devido lugar; tanto a roda mestra desta máquina, quanto a menor; é assim, oh meus caros, que se realiza o trabalho. Todas as comunidades religiosas são*

reestruturação de São Zeno in Monte se deve a ele. No mês de maio de 1909 Pe. Calábria recebe Giovanni Marchi de 40 anos; era funcionário de uma sociedade de seguros, trabalhará com humildade por muitos anos em casa. Em julho de 1909 se apresenta Alessandro Fenzi, vidraceiro, que permanecerá com Pe. Calábria até a morte. No mês de agosto, é a vez de Francisco Perez, de 48 anos, advogado, conde, proprietário rural, envolvido na política. No mês de novembro entra Alessandro Padovini, sapateiro, que terminará seus dias na Casa. E por fim se associa naquele mesmo ano Pietro Carlini, ex sub-oficial do exército, com o típico temperamento de militar: Pe. Calábria o colocará na escola da humildade do Ir. Francisco Perez.

grandes laboratórios; mas, que nada tem a ver com os trabalhadores desta terra. Deus, o grande artífice, realiza trabalhos para o céu, para a eternidade. Os operários são os afortunados que executam, mediante a sua colaboração, estes trabalhos”¹³. Eu diria mais: grandes laboratórios de caridade e de valorização de cada dom e talento. Como é profética uma comunidade onde os irmãos põem em comum as suas mais belas qualidades! Onde cada dom pessoal é valorizado, encorajado, sustentado e, às vezes, suscitado também pelos irmãos; onde os dons dos outros não provocam inveja, ciúme e rivalidade, mas sim a alegria e o louvor a Deus. É nestas comunidades que o Espírito Santo suscita surpresas, frequentemente em pessoas insuspeitas e tidas como de segunda categoria, revelando nelas riquezas e dons maravilhosos.

b) Comunidades interculturais

48. Há outra profecia no seio de nossas comunidades que necessita ser relançada e melhor apresentada nos nossos tempos: a interculturalidade. As comunidades multiculturais já são uma tradição na nossa Congregação, fruto, talvez, de uma maior necessidade do que da convicção. A profecia é passar de comunidades religiosas multiculturais para comunidades religiosas interculturais, o que exige bastante trabalho em cada um por parte de todos os membros. Estas comunidades são uma verdadeira escola, onde se exercitam para transformar as diversidades uma riqueza, um ganho e uma sinergia. Num mundo que procura sempre mais acentuar as diferenças étnicas, culturais, religiosas, estas comunidades são altamente proféticas porque produzem e testemunham exatamente o oposto: processos de comunhão.

49. Um documento da Igreja sobre a vida religiosa nos diz: *“Cultivar o respeito mútuo com o qual se aceita o caminhar lento dos mais fracos e, ao mesmo tempo, não se sufoca o desabrochar de personalidades mais ricas. Um respeito que favorece a criatividade, mas que também sabe fazer apelo à responsabilidade e à solidariedade para com os outros*”¹⁴. Uma vida comunitária profética é a que sabe organizar o serviço eficaz para com os pobres sem descuidar o que fortalece o crescimento da relação pessoal com Deus e as relações dos irmãos entre si, em cada religioso.

¹³ DON CALABRIA, *Pensamentos e máximas vespertinas*, *5577, 06-05-1918.

¹⁴ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *A Vida Fraternal em Comunidade*, n. 40.

A profecia do religioso Irmão e do leigo

50. Nos primórdios, a nossa Congregação era composta quase que exclusivamente por irmãos. E na história da Igreja existiram muitas Congregações que iniciaram “somente” laicais: Bento, Francisco, João de Deus, Jerônimo Emiliani não precisaram ser sacerdotes. Foram anunciadores do evangelho com sua vida, procurando viver a Palavra e produzir frutos, levando na comunidade cristã o anúncio do Reino de Deus. Os religiosos irmãos não têm nada a mais do que os outros cristãos. São homens do evangelho, felizes por serem reis, sacerdotes e profetas como todos os outros cristãos, pela graça dos sacramentos do batismo e da confirmação. Isto basta para santificar-se.

Pe. Calábria acreditou profundamente na profecia do religioso irmão, mas também dos leigos em geral; ele julgava que pudessem dar um testemunho vivo do evangelho e do espírito puro e genuíno no mundo, através de uma total participação e pertença à Família Calabriana.

Esta grande intuição de Pe. Calábria não foi muito bem entendida com relação aos irmãos dentro da Congregação¹⁵.

51. A Família Calabriana necessita do religioso Irmão, porque é ele que pode indicar com grande clareza – mais que o sacerdote que possui a tarefa ministerial específica – o chamado a ser memória viva da Aliança, mediante a consagração a Deus numa comunidade, para uma missão. No tempo de Pe. Calábria o irmão religioso era considerado inferior ao sacerdote, e os leigos ainda mais. Pe. Calábria, porém, afirmava que entre o sacerdote que celebra a missa e o irmão com a vassoura na mão, varrendo o pátio, não existe nenhuma diferença. A profecia não é tanto no executar um serviço ou outro, mas no doar livremente a vida ao Senhor, ter Ele como único amor, e demonstrar esse amor nos irmãos – a partir dos da própria comunidade. Aqui aparece o alcance profético da visão de Pe. Calábria

¹⁵ No mês de março de 1932 o texto das Constituições da Congregação é impresso na tipografia de São Zeno in Monte. Os irmãos que trabalhavam na tipografia, quando o leram, foram tomados de um certo desconforto, bem como todos os outros irmãos. É o texto com as correções exigidas pelo Bispo de Verona, Dom Girolamo Cardinale, o qual se baseia no Direito Canônico. Para ele a Congregação é “clerical”, portanto os irmãos devem ser excluídos do governo da mesma. Até o momento, o Conselho Geral era composto por três sacerdotes e dois irmãos. Não era simplesmente um problema de governo, mas um atentado a uma instância profética de Pe. Calábria: na Congregação havia quem a queria clerical, com a exclusão total dos irmãos leigos dos postos de responsabilidade, e a inspiração originária de Pe. Calábria com relação a paridade absoluta entre sacerdotes e irmãos, salvo os direitos e deveres oriundos da ordenação para os sacerdotes. Pe. Calábria devia usar toda caridade e o sua influência pessoal sobre os religiosos, privadamente em público, para acalmar os ânimos – convidando a todos à obediência ao bispo, com a certeza que o Senhor iria ajustar tudo no seu devido tempo. Três anos depois, em 1935, foi exatamente a paridade entre irmãos e sacerdotes que motivou o maior protesto para exigir a intervenção de um visitador apostólico.

sobre o irmão religioso: a consagração como Pobre Servo o faz viver em plenitude o sacerdócio batismal. O ato essencial deste sacrifício espiritual é a oferta de si mesmos a Deus como “*sacrifício vivo, santo e agradável a Deus*” (Rm 12,11) em resposta ao seu amor por nós. A vocação do Irmão é extraordinária, no entanto, não é entendida na sua profundidade, especialmente nas culturas onde prevalece uma mentalidade clerical absoluta.

52. Esta profecia de Pe. Calábria permanece ainda viva e é atual. A Congregação pode declarar-se uma comunidade ministerial, porque cada religioso está investido da missão profética, sacerdotal e real de Cristo. Esta missão é realizada de dois modos diversos entre si, mas complementares: o sacerdócio comum, fundado sobre o sacramento do batismo, e o ordenado, fundado sobre o sacramento da ordem. A relação entre o sacerdócio batismal e o ordenado é a imagem da relação de Cristo com a Igreja. A relação de Cristo com a Igreja não pode ser pensada como um movimento do alto para baixo, o que indicaria que o sacerdócio ordenado seria superior ao sacerdócio batismal. É ao invés, e uma relação que nos leva a pensar num enxerto de todos em Cristo, realizado pela comum consagração religiosa, pelos deveres e ministérios diferenciados.

Um e outro sacerdócio, o do irmão e o do presbítero, expressam a presença de Cristo e a dependência direta dele: “*Aproximai-vos do Senhor, pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e valiosa aos olhos de Deus. Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, formai um edifício espiritual, um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo*” (1Pd 2,4-5).

a) Criar espaços de coparticipação e reciprocidade

53. Primeiramente Pe. Calábria criou espaços de real coparticipação entre sacerdotes, irmãos e leigos. A profecia para nós hoje é criar espaços de coparticipação entre Pobres Servos, Pobres Servas, Missionárias dos Pobres e Leigos. Nós todos formamos a Família Calabriana, e é muito importante que nas diferentes culturas se encontre as formas para manifestar esta particularidade da nossa espiritualidade, incentivando e potenciando estes espaços de sinergia e coparticipação na missão, lá onde estamos presentes desde o início. Fechar-se a uma interação deste tipo nos bloqueia e nos limita, não somente na missão, mas no modo de ser segundo o pensamento de Pe. Calábria, e nos empobrece.

54. Em segundo lugar, Pe. Calábria foi profético no exercício da autoridade na vida religiosa, não caindo na tentação da clericalização. Que um Irmão possa ser superior de uma comunidade religiosa ou responsável de uma Delegação, com sacerdotes “submissos” a ele, para nós é algo consolidado; mas ainda não para o Direito Canônico. A Congregação atua em contextos culturais onde a figura do sacerdote é valorizada ao máximo; no entanto a do irmão religioso é considerada um “padre falido”. A profecia para nós hoje é não cair novamente na tentação da clericalização, mas ser um sinal visível nas realidades onde nos encontramos, para mostrar, mesmo que a realidade diga o contrário, que é profundamente evangélico tal relação.

55. Em terceiro lugar, a figura do irmão, assim como a pensou Pe. Calábria, é profética porque os irmãos foram a “alma econômica” da Casa desde o início. Não tanto como força de trabalho, mas porque Pe. Calábria confiava na sua competência na gestão econômica, nas oficinas e nas atividades necessárias para a manutenção dos meninos. Os irmãos eram também figuras de grande envergadura espiritual no transmitir o evangelho vivido e no testemunho de uma vida consagrada ao Senhor. A profecia do irmão hoje é muito importante, mais do que possamos pensar, na simples organização de maneira técnica e profissional a gestão econômica, a qual se torna cada vez mais complexa, mas, antes, porém, pela sua consagração e presença nas realidades e no mundo, testemunhando a presença do carisma.

b) As Irmãs e os Leigos

56. Falando do Irmão não podemos esquecer a intuição do Pe. Calábria a respeito das Irmãs, que com sua engenhosidade feminina contribuem para a complementariedade da missão, assim como a presença dos leigos, por ele profundamente estimados. Desde o início Pe. Calábria quis e pensou nestas figuras na Família Calabriana.

Hoje devemos aprofundar a identidade específica de cada componente da Família Calabriana – religiosos, religiosas e leigos – e a maneira de como trabalhar juntos para uma missão profética na Família Calabriana e na Igreja. Estou consciente de que em algumas culturas é difícil acolher a riqueza desta variegada presença, no entanto, não devemos descuidar da intuição primária de Pe. Calábria,

que percebia todo o valor de uma realidade composta e integrada das diversas vocações. O Senhor nos pede de viver juntos o carisma, procurando traduzi-lo concretamente nas diversas realidades e culturas onde estamos presentes. *“O Carisma da Obra não é propriedade dos religiosos, que o transmitem aos leigos, mas cada um, no seu específica estado de vida é corresponsável no viver e no transmitir o carisma. É necessário caminhar lado a lado e numa única direção comum, a qual é continuamente focada e reorientada. Irmãos, Irmãs e Leigos são “antenas” que captam as exigências da Igreja e da sociedade de hoje e de amanhã, as partilham e trabalham dialogando para um discernimento comum em busca de respostas proféticas que a Obra será chamada a dar”*¹⁶.

57. A peculiaridade de cada componente da Família Calabriana – religiosos, religiosas e leigos – nos ajudam a viver o espírito de família, que é moldada na riqueza da diversidade, com a coparticipação de todos os componentes, cada qual dotado de características diferentes, mas complementares. Parece-me oportuno que através dos Conselhos da Família Calabriana, que se deseja que sejam constituídos nas diversas realidades da Obra, se inicie a fazer um caminho de unidade, na aceitação recíproca da diversidade como riqueza a cultivar.

A profecia do abandono absoluto

58. A santidade da pessoa reflete-se nas suas palavras e nos seus atos, no apostolado e no trabalho que realiza: *“O fruto da luz está em toda bondade, justiça e verdade”* (Ef 5,9). Este empenho para a santidade é a base de todo apostolado.

Contudo, nos últimos anos de sua vida, se teve a impressão de que a luz tenha desaparecido da vida de Pe. Calábria. Aridez espiritual, noite escura da fé, medo do próprio nada e do próprio pecado, sentimentos de condenação eterna.

59. A certeza do amor do Pai nos leva a dar um sentido também aos acontecimentos mais dramáticos e mais difíceis de aceitar. Quem tem Deus como Pai não pode sentir-se nunca só, nem mesmo ante aos “porquês” humanamente mais inquietantes da sua vida: o sofrimento, a doença ou aquela pequena morte cotidiana que é o envelhecimento. O sofrimento e a doença pertencem aos limites e ao mistério da nossa existência humana, que não podemos esconder ou procurar afastar. Quando, com sereno abandono na vontade do Pai, algumas vezes difícil de

¹⁶ Pe. MIGUEL TOFFUL, *“homilia na festa da Família Calabriana”*, San Zeno in Monte, 31 de maio de 2015.

entender, conseguimos compreender que a doença, o sofrimento e a fragilidade vividas no Senhor tem sentido, então, tudo isto adquire uma dignidade e um valor incomparável, até chegar a ser promessa de alegria: “*A mulher, quando vai dar à luz, fica angustiada, porque chegou a sua hora. Mas depois que a criança nasceu, já não se lembra mais das dores, na alegria de um ser humano ter vindo ao mundo*” (Jo 16, 21).

60. O apostolado do abandono absoluto e confiante nas mãos de Deus também nesta situação é talvez a mais eficaz forma de apostolado que exista, profecia evidente e incontestável, também para quem não crê em Deus. É um compromisso de santidade absoluta, porque é um compromisso de sermos continuadores da paixão de Cristo. Nestes anos conheci muitos religiosos e leigos que aceitaram com serenidade e sem lamentações, viver esta forma suprema de abandono com vivo desejo de reparação. Foram e são, além de um exemplo, uma grande e forte bênção para toda a Família Religiosa, profetas viventes do abandono completo e absoluto ao Pai.

Mas, esta é uma etapa que de qualquer maneira não nos pertence, enquanto não é determinada por nós. Queria identificar neste mistério da cruz, algumas exigências mais concretas, decifráveis e realizáveis no nosso cotidiano, através das quais tornar a nossa vida profética.

a) Abandono: chamados a despojar-se cada dia

61. Nesta perspectiva, primeiramente temos a necessidade de conscientizar-nos que somos chamados a despojar-nos cada dia de tudo o que não é Deus. Dizia São João da Cruz, e o dizia a todos os cristãos: “*Amar a Deus é despojar-se para Deus de tudo o que não é Deus*”. Este despojar-se de qualquer valor que não seja Cristo pode também assustar-nos, porque se trata de introduzir na nossa vida a renúncia a nós mesmos, de modo mais amplo e profundo desta palavra. “*Sejamos humildes, tenhamos bem em mente que um coração cheio de si mesmo, estará sempre vazio do amor de Deus... Oh meus caros, ponhamos logo a mão no coração, e vejamos se somos instrumentos tais quais o Senhor deseja, para realizar os seus desígnios: nos unir estreitamente a Ele... pelo total abandono na sua Providência*”¹⁷.

¹⁷ PE. CALABRIA, *Exortação para a Imaculada e Natal* – 1928. Cf. – Exort. * 5608.

62. Deus quer ser o nosso único bem, o único tesouro, a única presença na nossa vida – e nós devemos estar disponíveis, com liberdade de coração, com o abandono incondicional às iniciativas de Deus. *“O segredo da vida e da força desta Obra, vos dizia, está aqui, no abandono total em Deus e na sua Providência, sem angustiar-nos pelo amanhã afastando-nos das proteções humana. Os meios chegarão e vos chegarão diretamente do Senhor, que saberá oportunamente inspirar aquelas pessoas dignas, a tocar aqueles corações cristãmente inclinados a fazer o bem, para virem em ajuda às nossas necessidades, daquilo que nos falta; necessidades destas pobres criaturas, que a Providência tem aqui recolhidas e prediletas, como um dia vos recolheu e vos privilegiou”*¹⁸.

b) Abandono: itinerário eucarístico

63. Como se pode chegar a tudo isto? Devemos realizar mediante itinerários bem concretos. Um destes é o itinerário eucarístico. Chega-se à semelhança com Cristo através da eucaristia celebrada e adorada. Devemos nos dar conta que a força deste sacramento realiza em nós a configuração a Cristo, e a Cristo crucificado. Devemos nos tornar adoradores eucarísticos, não somente para celebrar a nossa fé, mas para plenificar e cumprir este chamado profético do abandono absoluto à vontade do Pai, que nos quer “dispostos a tudo”.

64. *“Senhor Deus, eis a minha vida, faça o que desejas, para que se torne a vida de Jesus Cristo. E seja qual for o meu estado, alegre ou desolado, doente ou são, satisfeito ou humilhado, não poderei jamais impedir que o Espírito dentro de mim grite forte a ti, invocando imperiosamente o teu amor para os homens meus irmãos, que não sabem que tu és o Pai. Oh Pai, eis a minha vida: mas, dá-me os meus irmãos para que eu os leve a ti”*¹⁹.

O abandono absoluto que nos ensinou o Pe. Calábria, e que se torna profecia, é o confiar a nossa vida nas mãos do Pai, para que se torne cada dia sacrifício vivo e entrega preciosa à sua santa Vontade.

¹⁸ PE. CALÁBRIA, *L'Amico*, agosto de 1931, * 5986.

¹⁹ PIERRE LYONNET, *Ecrits Spirituels*, Ed. de l'Épi, Paris 1951, p. 162.

III - VIVER HOJE A PROFECIA NA OBRA

“A nós, Pobres Servos, cabe à missão de realizar estes novos desígnios, e a esta atuação está unida a nossa bem-aventurada eternidade, lembremo-lo bem... A Obra deve expandir-se ‘usque ad finem terrae’, porem com uma condição: que sejamos fiéis à nossa vocação. Instrumentos dóceis, humildes, como trapos, como argila, certos da palavra infalível de Jesus: “Quem crê em mim, fará tudo o que eu fiz, e fará coisas ainda maiores”²⁰.

65. Neste capítulo queremos nos deter para observar mais de perto a realidade da Família Calabriana e os desafios do momento histórico, para apresentar algumas linhas de reflexão e de ação, neste triênio sobre a profecia e sobre a evangelização, conforme solicitado pelo último Capítulo Geral.

Na reflexão sobre a vida consagrada, afirma-se fortemente hoje que para ser profética ela deve comunicar espiritualidade, deve levar-nos a criar fraternidade e deve ser comprometida com a missão. Também nós, como Família Calabriana, somos chamados a uma profecia da mística, da fraternidade e da missão. Somente uma vida espiritual intensa e profunda, que alimenta a fraternidade e a missão, tem condições de manifestar a profecia da Paternidade de Deus. Há uma *mística da fraternidade*, a cultivar pela espiritualidade da comunhão e a cultura do encontro. Há uma *mística da missão*, a cultivar pela dedicação generosa, alegre, gratuita, o compromisso no serviço, a visível pertença a Deus, à comunidade, aos irmãos e às irmãs, o esvaziamento de si mesmos. *“Se a vida consagrada quer manter a sua missão profética e o seu fascínio, continuando a ser escola de fidelidade para os de perto e para os de longe (Cf Ef 2,17), deve manter o frescor e a jovialidade da centralidade de Jesus, o encanto da espiritualidade e a força da missão, mostrar a beleza da sequela de Cristo e irradiar a esperança e a alegria”²¹.*

66. No seio da Família Calabriana encontramos uma riqueza que é única e nos caracteriza desde os primeiros tempos: a própria fisionomia da Família Calabriana, composta por religiosos, religiosas de três Congregações e leigos. Podemos dizer

²⁰ PE. CALABRIA, *Cartas Colet.* * 9373/B 1951(?).

²¹ PAPA FRANCISCO, *Discurso aos participantes da Assembleia plenária da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica*, 28 de janeiro de 2017.

que esta dimensão é profética por si só. Infelizmente nem sempre temos a consciência da força e da riqueza interna que possuímos, e corremos o risco de desperdiçar esta potencialidade, a qual pode fazer crescer e desenvolver a Família Calabriana.

67. Não se pode ser radicais na vivência dos valores evangélicos e carismáticos da Família Calabriana sem ser proféticos; de igual modo não se pode viver uma autêntica profecia sem estar radicados profundamente nos valores do evangelho. Se não houver esta passagem fundamental, viveremos a dicotomia do legalismo (radicais = rígidos), realizar sinais, mesmo que interessantes, mas sem uma profundidade autêntica, que fala por si só dos valores do evangelho e do Carisma. Produziríamos somente um pouco de “fumaça” ou de “barulho”, que são visíveis, mas privados de substância.

68. O nosso espírito puro e genuíno contém uma profecia peculiar, na comunidade cristã e na Igreja, a qual não pode ser uma dentre as tantas. Há um preciso estilo que nos identifica. *O mundo, os de fora, mesmo não vendo em vós nenhum hábito religioso, devem se dar conta que não sois como os outros; ao vosso modo de falar, aos vossos gestos, ao vosso comportamento, devem se dar conta que sois religiosos, e religiosos especiais*²². Creio que seja importante descobrir o que o Senhor está nos pedindo hoje, e no discernimento e à luz do Espírito, dar respostas concretas.

69. Devemos ter a coragem para observar bem de perto e reconhecer a riqueza que possuímos, mas também onde é ameaçada a Família Calabriana, as nossas comunidades e as nossas atividades. Vivamos como Família Calabriana *“numa cultura frequentemente dominada pela tecnologia, parecem multiplicar-se as formas de tristeza e solidão em que caem as pessoas, incluindo muitos jovens. Com efeito, o futuro parece estar refém da incerteza, que não permite ter estabilidade. É assim que muitas vezes surgem sentimentos de melancolia, tristeza e tédio, que podem, pouco a pouco, levar ao desespero. Há necessidade de testemunhas de esperança e de alegria verdadeira, para expulsar as quimeras que prometem uma felicidade fácil com paraísos artificiais. O vazio profundo de tanta gente pode ser preenchido pela esperança que trazemos no coração e pela alegria que brota dela.*

²² PE. CALABRIA, Cf. - Exort. * 5644/B [Sem data].

Há tanta necessidade de reconhecer a alegria que se revela no coração tocado pela misericórdia!”²³.

Neste contexto cultural temos um dever, nos é confiada uma missão: sermos profecia da paternidade de Deus, do seu amor providente e misericordioso. Esta profecia se manifesta através de tantas outras “profecias”. Vejamos, então, algumas realidades que tornam a nossa profecia criativa e significativa no contexto atual.

A profecia do estilo de vida: Confiança filial e abandono à Providência

70. Um aspecto fundamental é o que se refere ao nosso estilo de vida, a confiança e o abandono. A Família Calabriana, nascida do lado aberto de Jesus e para os tempos atuais, possui um especial espírito de fé, confiança e abandono na Divina Providência, que estimula a viver a nossa vocação e missão de um modo autêntico, na consciência de que a vivência radical do carisma nos leva a embasar a vida e a missão de evangelização não sobre cálculos humanos.

71. Somos conscientes de que o abandono e a confiança na Divina Providência devem caracterizar o nosso modo de ser, o que não quer dizer faltar de conhecimento e responsabilidade com relação ao aspecto econômico. Se por um lado uma atenta gestão econômica é necessária, queria fazer um alerta sobre um comportamento que às vezes, me parece, estamos arriscando de assumir: fazer depender o serviço aos pobres a correspondentes financiamentos. Isto faz com que se perca a confiança na Providência e anula o nosso carisma. A Obra deveria representar uma ilha de *loucura da Providência*, em meio a um mar de pessoas ou entidades que vivem agarradas às seguranças. Nós Pobres Servos, temos a liberdade interior absoluta que provêm do abandono confiante na Divina Providência.

72. Existe um fator de discernimento que nos estimula todos os dias a procurar uma gestão acurada, capaz de dar-nos indicadores fundamentais para ter, em tempo real, os dados concretos de uma missão e atividade. Podemos mensurar com elementos técnicos estes dados, mas a dimensão essencial, que não pode faltar nas nossas comunidades religiosas e entre os leigos responsáveis, é o aspecto existencial da fé, para poder viver cada dia esta “*loucura do abandono na Divina Providência*”. Chamo-a de loucura porque, de verdade, quando é vivida de modo

²³ PAPA FRANCISCO, Carta Apostólica *Misericordia et Misera*, 3.

consciente, nos faz dar saltos na fé, que comprometem a nossa vida de um modo maravilhoso.

73. Os milagres acontecidos no tempo de Pe. Calábria, e de tantos outros irmãos e irmãs santos, não foram outra coisa senão amplas bordas deixadas à Divina Providência para agir, valendo-se de elementos de comum sabedoria²⁴. O abandono total não anula a racionalidade, e a racionalidade não pode se esconder e torna opaco o agir extraordinário da Providência. Sobretudo esta fé e confiança eram transmitidas às pessoas, que acolhiam profundamente a mensagem evangélica.

Penso que devemos hoje recuperar este modo de ser profetas com a preciosidade e atualidade de nosso carisma, o qual nos posiciona num justo equilíbrio entre o abandonar-se totalmente e ter *a cabeça sobre o pescoço*, princípios claríssimos para o nosso Pe. João Calábria. Como recuperar hoje, nesta sociedade que vive de cálculos humanos, para nós religiosos e leigos e para as nossas atividades, uma resposta confiante e carismática? Não nos damos conta, mas que impressão e que impacto evangélico provoca um estilo de confiança e de abandono na divina Providência! *“Ponto capital e principal desta Obra é o absoluto e o total abandono nos braços amorosos da Divina Providência”*²⁵.

74. A aplicação concreta deste princípio, ainda atual e ponto de referência do nosso carisma, é possível vivê-lo na medida em que acreditamos na eficácia da Providência. É um aspecto que livra o coração do religioso, da religiosa e do leigo de muitos medos e devolve uma paz e a serenidade interior extraordinária. Estamos nas mãos do Senhor! Creio seja importante manifestar hoje, nos nossos tempos, esta *“loucura da Divina Providência”*, a qual é uma terna mãe, pois é um dos pontos específicos da nossa profecia.

A profecia das escolhas proféticas e não repetições

75. A missão específica da Família Calabriana deve valer-se de expressões proféticas que a torna atual. Uma realidade se torna profética e evangeliza na

²⁴ Por exemplo o Ir. Vitorino, que pegava os bezzerinhos e os levava aos agricultores para criá-los e ter a carne para os bons meninos (elemento puramente de gestão), dava espaço também à fé, confiança e abandono na Divina Providência, em circunstâncias em que faltavam os meios necessários e desta forma se ia para frente.

²⁵ PE. CALÁBRIA, Carta aos religiosos n. 32 de 17-11-1920.

medida em que se “*suja as mãos*” com os pobres e os necessitados nas estradas do mundo, e é uma advertência para as estruturas de poder e de domínio. Sem a missão específica e o contato direto com as periferias, corre-se o perigo, como às vezes acontecia na profecia bíblica, quando o profeta acabava no palácio do Rei, que a profecia morra. Para que seja viva deve continuar a pôr-se em jogo, enfrentando os desafios concretos da realidade; não deve afastar-se das periferias, onde a criatividade é exigida pelos novos desafios, que dia após dia, se apresentam; e deve estar próxima ao grito do pobre. Diversamente, a nossa missão, mesmo de qualidade e de sucesso, arrisca de não ser profética. Será significativa se se por contra a corrente de um mundo cada vez mais apegado ao dinheiro, ao poder e à força, que instrumentaliza os pobres.

76. A Família Calabriana sempre se caracterizou, desde o início, segundo o pensamento do fundador, pela sua capacidade de ir aos lugares onde humanamente nada se podia esperar: “*Nós sempre devemos ir onde humanamente não existe nada a esperar, portanto, aos mais pobres, aos humildes; devemos buscar almas, criaturas abandonadas, velhos, doentes, pecadores, rejeitados, desprezados; estes serão os tesouros, as pérolas da Obra, a chave que abre o céu, e desta forma será manifestada da melhor maneira a Divina Providência*”²⁶. Parece-me que hoje seja este um chamado a deixar-nos estimular pelos desafios próprios do nosso tempo.

77. Parece, no entanto, que às vezes as nossas presenças e atividades se reduzam numa repetição daquilo que sempre fizemos ou fazemos de qualquer maneira. A criatividade que nos serve é a que brota do evangelho, que nos convida a responder com audácia às novas pobreza de hoje, segundo o nosso carisma, inclusive com uma certa liberdade interior e adaptação às rápidas mudanças da sociedade. O carisma nos provoca a viver um frescor de mente e de ação, que torna livre o nosso coração e a nossa vida no assumir o cuidado das pessoas e situações concretas.

78. Há um detalhe do nosso carisma que não devemos descuidar: o convite a ir aonde ninguém quer ir. “*As periferias a que somos convidados são as pessoas não amadas, esquecidas e marginalizadas, de quem ninguém se interessa, lá onde estas vivem, às quais devemos ir com criatividade profética para sermos testemunhas da paternidade de Deus*”²⁷. A cultura atual valoriza sobremaneira as situações que

²⁶ PE. CALÁBRIA, Promemoria – Apontamentos * 8730, 23-07-1943.

²⁷ POBRES SERVOS DA DIVINA PROVIDÊNCIA, “*Testemunhas em toda a terra*”, Documento final do XI Capítulo Geral, B2 pag. 19.

manifestam força, potência e eficiência; a mensagem evangélica, no entanto, prefere a lógica da pequena semente, do fermento, da minoria, dos pequenos e dos simples, que possuem a força da transformação evangélica.

79. A missão para ser profética deve estar inserida na realidade. A missão encarna a profecia do carisma nas situações reais de cada dia, onde as comunidades vivem e atuam com o povo e junto ao povo. Não há profecia sem encarnação no âmago das pobreza geográficas e nas periferias existenciais. Esta proximidade se manifesta no amor concreto, que se torna força e potência, que compromete toda a pessoa. E quando eu amo alguém, sinto que a minha vida tem mais sentido se consigo estar junto dele. Então a missão nasce do desejo de Jesus de estar próximo aos seus irmãos amados, sobretudo aos pequenos: “*Jesus quer servir-se de nós para estar sempre mais próximo ao seu povo amado*”²⁸. Mediante o nosso fazer-se próximos ao povo, também Jesus se faz sempre mais próximo ao seu povo. Papa Francisco o sublinha muitas vezes: “*O próprio Jesus é o modelo desta opção evangelizadora que nos introduz no coração do povo. Como nos faz bem vê-Lo perto de todos!*”²⁹. A opção de estar junto ao povo, portanto, não é uma escolha ideológica ou política, mas cristológica: o modelo que nos inspira é o de Jesus junto ao povo. A proximidade é a fonte e a meta da missão, e isto era verdade ontem e continua a ser verdadeiro hoje. Também hoje, diante da globalização e da indiferença, Deus nos propõe a proximidade, a relação pessoal. Certamente, diante de tantos desafios, maiores do que nós, frequentemente nos sentimos impotentes, não temos respostas imediatas e, talvez nunca as teremos. Mas, se também nem sempre sabemos o que fazer, Jesus nos convida a estarmos junto ao povo, junto aos pobres!³⁰

80. É um sonho que pode se tornar realidade na nossa Família Calabriana, oxalá amadurecido nos Conselhos e partilhado no desejado “encontro da Família Calabriana” solicitado pelo Capítulo, valorizando as riquezas que encontramos no seio de nossa família. Acredito que o Espírito esteja amadurecendo os tempos para dar vida a novas presenças e missões, onde se vive a espiritualidade calabriana, com a presença de religiosos, religiosas e leigos, não para repetir o que já estamos fazendo (paróquias, atividades sociais ou atividades já existentes), mas para criar novos espaços, a serem percorridos com um novo ardor e de significativa presença.

²⁸ PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 268.

²⁹ *Ibidem*, 269.

³⁰Cfr.<http://www.giovanemissione.it/teologia-della-missione/623/il-cristo-vicino/>

O Senhor nos abrirá o coração e o nosso olhar para descobrir outros modos de viver e de encarnar a nossa espiritualidade conforme a vontade de Deus. O que Ele deseja nos lugares onde estamos presentes? Devemos saber, no entanto, que os processos são lentos, porque pessoas são envolvidas. Porém, é necessário que se desenvolvam à luz da Palavra de Deus, no discernimento e na partilha.

81. Para tanto, convido fraternalmente as Delegações e as missões a serem corajosas no discernimento em comunhão com os leigos, para que o ir às periferias não seja algo que fique somente escrito no documento final do Capítulo, mas se torne escolha precisa e concreta.

Após três anos da celebração do Capítulo podemos nos perguntar? Em quais periferias estamos investindo nossas forças? Para onde vai a nossa profecia, a mesma que nos impulsiona a responder como Família Calabriana às novas pobreza? Se não abraçarmos desafios concretos, pode acontecer que a nossa profecia não seja viva e significativa, mesmo fazendo coisas belas e de qualidade. Desejo que neste momento histórico sobre também para a nossa Família Calabriana, um vento novo e um renovado empenho nas diversas realidades onde estamos presentes. Não devemos ter medo de sair daqueles esquemas que muitas vezes nos bloqueiam e nos roubam a criatividade evangélica e calabriana, dizendo que “sempre fizemos assim”, ou pior, acreditar na aquela realidade não existem outras respostas ou alternativas com relação às soluções que já estamos adotando. Eu creio que estes sejam todos álibis para não se mover daquilo que temos construído. Onde está o frescor do Espírito que nos encoraja em direção a outros lugares?

82. Penso particularmente nas novas aberturas efetivadas ou que se projetam no futuro, nas Delegações ou nos novos países onde seremos chamados a ir. Somos convidados a ampliar o nosso olhar a toda a Família Calabriana, para encaminhar novos processos que favoreçam, de algum modo, uma concreta e real participação de todos os componentes da Família Calabriana, como expressão da nossa profecia: religiosos, religiosas e leigos. Também no Capítulo Geral das Irmãs Missionárias dos Pobres foi manifestado o desejo de uma real colaboração entre os diversos ramos da Obra, na perspectiva de uma nova profecia. O Espírito Santo nos ajude a ter o necessário neste momento, para um maior crescimento no testemunho evangélico de Família Calabriana, aberta à missão com os mais pobres.

83. *“A Obra dos Pobres Servos, tendo no comando este pobre velho sacerdote, eu a chamo a Obra dos Garis; devem, devemos varrer a rua, para que Jesus possa vir até nós, e nós com Ele, ir a todo o mundo, para salvar, para chamar almas, todas as almas”*³¹. Dentro de cada um de nós deve existir este desejo profundo de Pe. Calábria, que nos convida a sair, buscando novos horizontes onde encarnar a espiritualidade da Família Calabriana. Desejo verdadeiramente que cresça dentro de nós este impulso, para tornar-nos evangelicamente criativos nas diversas realidades em que estamos presentes.

A profecia da fragilidade

84. O mundo hoje valoriza muito a aparência, a força, a manifestação de tudo aquilo que se revela potente, bonito e notável; esconde, ao invés, as fraquezas e as fragilidades. A experiência da fragilidade é inerente na nossa natureza e a experimentamos desde o primeiro momento da nossa existência. Somos seres vulneráveis. Usando um linguajar bíblico podemos dizer: *“terra e pó”*. Talvez por toda a vida nos esforçamos para vencer a fragilidade, porque acreditamos que o ideal seja sermos fortes e belos, retardar a morte e evitar a doença. De certo modo, a ciência e a técnica nos fazem também acreditar que tudo se possa ajustar, substituir, mudar, para *“parecer e viver melhor”*, para sermos felizes.

85. Todavia a fragilidade, exatamente porque é conatural à nossa condição humana, tem um papel importante na nossa humanização e no nosso crescimento espiritual. Não saber tudo, não poder controlar ou dominar tudo é algo de bom, não um limite ou uma barreira, porque nos impulsiona a criar relações, dar início a processos de solidariedade, complementariedade e comunhão na diversidade. Da nossa condição de fragilidade deriva a capacidade de nos relacionar com os outros e, sobretudo com o Outro. *“Quando sou fraco (frágil), é então que sou forte”* nos recorda São Paulo³².

Se não fôssemos vulneráveis não poderíamos desenvolver a capacidade de fazer algo juntos, aceitar ter a necessidade de uns para com os outros e, sobretudo encontrar a nossa força em Jesus Cristo. *“De fato, somente quem reconhece a própria fragilidade, o próprio limite pode construir relações fraternas e solidárias, na Igreja e na sociedade”*³³.

³¹ PE. CALÁBRIA, Carta a P. Riccardo Lombardi S.J., *5020, 18-12-1947.

³² Cf. 2Cor 12,10.

³³ PAPA FRANCISCO, Encontro com o movimento Apostólico Cegos e Pequena Missão para os surdos-mudos, 03-04-2014.

86. Fazendo a experiência da vulnerabilidade e da fragilidade, típica do ser humano, é muito importante cultivar uma consciência que nos permita a parar diante de nós mesmos, diante dos outros, e diante da Obra, reconhecendo-nos humildemente limitados.

Para os dias de hoje, é uma profecia não esconder a fragilidade, porque é nela que se manifesta a potência de Deus, e tudo aquilo que Ele pode fazer na nossa vida. *“Ora, trazemos esse tesouro em vasos de barro, para que todos reconheçam que este poder extraordinário vem de Deus e não de nós”* (2Cor. 4,7). A profecia então se manifesta também pelos limites do próprio profeta, que, como vimos na Bíblia, não se sentia à altura e digno de levar adiante o projeto que Deus lhe estava apresentando.

87. A experiência da fragilidade e vulnerabilidade marcou profundamente também a vida de Pe. João Calábria, que se sentia verdadeiramente limitado e com tantas imperfeições, completamente incapaz de levar adiante a missão a ele confiada. No entanto, sempre se sentiu seguro e forte nas mãos de Deus Pai, que não o abandonava nunca. *“...é um grande desígnio, um encargo divino que é confiado à nossa Obra, que se por um lado é um título de predileção, por outro nos deve encher de sagrado temor, conscientes da nossa fraqueza e fragilidade”*³⁴.

Será superada, antes de tudo, a mentalidade do número, da qualidade e da grandeza das obras, que muitas vezes é um critério exclusivo para avaliar uma instituição, também de caráter eclesial. Pe. Calábria nos ensina muito bem, convocando-nos à pequenez, à *“buseta e taneta”* (covinha e toquinha), e que os poucos farão muito, se eles forem santos e viverem o evangelho *“sine glossa”* (sem reservas).

Não é a força, o poder e a potência exterior que devem dar a medida de quanto a Família Calabriana pode fazer, daquilo que as nossas comunidades podem realizar e as nossas atividades possam levar adiante; não é isto que garante o testemunho evangélico. A verdadeira profecia evangélica é a que passa pelo limite, pela vulnerabilidade, pela fraqueza, segundo a lógica da cruz.

88. A Família Calabriana e a sua profecia não será mais ou menos efetiva se se baseia em cálculos humanos, nas forças, nos projetos, no privilégio e prestígio de algumas pessoas entre outras, na discriminação dos mais fortes ou “qualificados”, etc. Mas será eficaz se na vulnerabilidade, na fragilidade das nossas pessoas, das

³⁴ PE. CALÁBRIA, *Carta L*, Pentecostes, 25 de maio de 1947.

atividades e das circunstâncias, se manifesta a presença e o poder de Deus, que não abandona e está presente com a sua Providência e ternura. *“Maldito o homem que confia no ser humano, que na carne busca a sua força e afasta do Senhor seu coração! Bendito aquele que confia no Senhor, o Senhor mesmo será sua segurança”* (Jr 17,57).

89. Quanto pode mudar o mundo e o ambiente que está ao nosso redor se tivermos consciência da nossa fragilidade, a qual é parte do nosso ser humanos, e nos deixarmos encher da força e da presença de um Deus que se aproxima de nós e livremente nos convida e sermos seus instrumentos no mundo! Quanto as nossas fragilidades pessoais, os limites de nossas comunidades, as nossas presenças e atividades no mundo estarão cheias da presença deste Deus Pai Providente, que não nos abandona, sentiremos uma profunda serenidade, confiança e alegria, que contagiam as pessoas que se aproximam de nós.

90. Irmãos e Irmãs, não nos deixemos seduzir pela lógica do mundo, e não procuremos esconder as nossas fragilidades, mas vivamos com alegria o limite, que é a força de Deus para realizar os seus projetos. É necessário também distinguir o bem na fragilidade e no pecado, que fazem parte da vida humana, e as atitudes de injustiça, corrupção e maldade, justificados com a fragilidade. Estes comportamentos não manifestam profecia evangélica.

Viver e tocar com as mãos a fragilidade nos torna mais humanos, mais próximos, menos julgadores para com a fragilidade dos outros e cheios de alegria, capazes do sorriso e da ternura. Provemos e veremos o quanto mais bela pode se tornar a nossa Família Calabriana!

A profecia da missão com os mais pobres

91. Depois de ter falado da vulnerabilidade e da fragilidade devemos logo voltar o nosso olhar aos últimos, aos frágeis e esquecidos da sociedade, aos que não tem importância, aliás, que são um peso para o sistema capitalista e econômico atual: *“os pobres”*. A eles volta-se a nossa atenção e missão como Família Calabriana, e é na missão com os mais pobres e abandonados que a nossa família religiosa, hoje mais do que nunca, eleva o seu grito profético. *“Busquemos almas, e sempre as mais abandonadas. Se a Providência nos indica missões: onde nos chama a*

Providência; procuremos os pobres, os abandonados, os desprezados: é o nosso campo”³⁵.

92. Os pobres, assim genericamente chamados, não são uma categoria social para socorrer e assistir, partilhando com eles o que temos, enquanto estes permanecem no anonimato. Os pobres são pessoas concretas, cada qual com um rosto e uma história particular. O pobre é como Deus! Carne de Deus são os pobres. Os seus olhos são os olhos de Deus, a sua fome é a fome de Deus. Se um homem sofre e passa mal, também Ele sofre e passa mal.

Infelizmente reduzimos os pobres a uma categoria social a socorrer, mantendo-os no anonimato, por isso a indiferença é muitas vezes a resposta ante as pessoas e as pobreza. Para o evangelho, no entanto, o pobre não é um anônimo, mas o que carrega o nome de Deus. Um Deus que associou a salvação não às ações extraordinárias, mas às obras cotidianas, simples, possíveis a todos; não à obra de culto a Ele, mas ao culto dos últimos da fila, mediante obras de misericórdia. *“Tudo o que fizerdes a um só dos meus irmãos mais menores, a mim o tendes feito”!* (Mt 25, 40).

93. A solidariedade para com os pobres adquire uma dimensão de salvação na medida em que reconhecemos neles o rosto de Cristo. Neste sentido é dada à solidariedade humana uma motivação transcendente, que a tutela de qualquer instrumentalização. Aparece claro, ao mesmo tempo, que a verdadeira religiosidade consiste no empenho concreto e operoso em favor dos irmãos pobres, marginalizados e oprimidos³⁶.

Então, resulta evidente que o cristianismo e a vida religiosa a que somos chamados a viver e testemunhar na Família Calabriana, não podem ser reduzidas a práticas exteriores, a fazer simplesmente o bem de qualquer maneira, para calar a nossa consciência, pensando que estamos servindo os pobres. A verdadeira profecia que nos é solicitada é a da *vizinhança*, que transforma, antes de tudo, a nossa vida, e depois nos leva com muita alegria às pessoas que aproximamos.

94. Para que uma atividade ou uma presença da Família Calabriana a serviço dos mais pobres seja profética, não pode ser uma atividade qualquer, que faz algo também de útil para eles. É muito importante perguntar-se continuamente como

³⁵ Pe. Calabria, *Esortação aos Religiosos*, *2560 (Sem data).

³⁶ Cfr. P. MIGUEL TOFFUL, *“Riflessione durante il ritiro ai Religiosi in occasione della porta Santa a san Zeno in Monte”*, 1 ottobre 2016.

está sendo feita; quais são as motivações que animam as pessoas a fazê-lo. Deve existir uma profunda ligação com o evangelho e com o carisma, do contrário não contribui em nada e nada comunica. Deve, pois, ser exemplar na realização e no uso dos recursos (Providência) destinados a esta atividade. Devemos ser conscientes e transparentes, não somente para que chegue esta Providência, mas sobretudo, saber como chega e de onde chega, para que depois não nos amarrem as mãos. Sem esta transparência, também se fazemos o bem e as nossas atividades são belas, responderão sempre a critérios humanos e a uma mentalidade mundana antievangélica. *“A casa dos Bons Meninos não é como um colégio qualquer, é algo todo especial. Deus a governa com a sua Providência. Dos meios humanos e das proteções humanas Ele não sabe o que fazer”³⁷*.

95. O Senhor nos confiou um carisma e uma missão extraordinária, de amor e serviço aos mais pobres. Nós temos a responsabilidade de levá-la adiante com critérios evangélicos, carismáticos e na total transparência com relação aos meios, a serviço dos mais pobres. Nunca aconteça que, no fim de tudo, o nosso esforço, programações e atividades, estejam *“roubando”* aos pobres, privando-os do nosso amor concreto para com eles, inclusive os meios que a Providência põe em nossas mãos em benefício deles: *“...tudo o que a Providência manda será gasto para os pobres que o Senhor nos confia ou usado na caridade para com os necessitados”³⁸*.

Esta é a nossa verdadeira profecia para com os mais pobres e abandonados, a qual se torna testemunho para o mundo e é de uma atualidade extraordinária. Devemos prestar sempre muita atenção, para que o nosso “fazer o bem” não seja ofuscado pelos nossos comportamentos que testemunham o contrário de quanto o nosso carisma ensina, como caminho de evangelização e missão fundamental para a Família Calabriana.

96. Além destas considerações, devemos observar com um olhar e uma sensibilidade particular para as novas pobreza, nesta época de grandes mudanças, porque o carisma mesmo nos estimula a uma constante mudança do nosso operar. Hoje, pelas contínuas mudanças da sociedade, devemos ter agilidade mental, carismática e operativa de mudar os fronts de ação, levando adiante uma ação

³⁷ PE. CALABRIA, Carta aos ex-alunos, 7037 (sem data).

³⁸ POBRES SERVOS DA DIVINA PROVIDÊNCIA, *Constituições*, n. 10.

evangélica que busca os mais pobres e abandonados, que a sociedade de consumo continua suscitando.

A profecia da vizinhança aos jovens: “*Sou de quem me conquistar*”

97. Hoje, nas nossas sociedades, existem dois setores que se apresentam mais frágeis e vulneráveis: *os jovens e as famílias*. São dois segmentos em que a obra de Pe. Calábria sempre procurou dar respostas, empenhando-se no trabalho e na missão.

Os jovens, por diversas vezes, se encontram órfãos e na solidão. Vivemos numa sociedade que ofuscou a figura “paterna – materna” e as demais figuras de referência de quem o adolescente e o jovem tem necessidade para o desenvolvimento de sua identidade. Faltando estas figuras – ou de fato ausentes, mesmo presentes fisicamente – verifica-se uma crise educativa preocupante. Os jovens geralmente são bons – Pe. Calábria os chamava de “bons meninos” – porque neles estão presentes todas as potencialidades para crescer e realizar-se em plenitude. Ao mesmo tempo, se encontram perdidos quando faltam os valores ou os pontos de referência. Neste sentido, Pe. Calábria dizia que os jovens têm escrito na sua frente: “*sou de quem me conquistar*”. Infelizmente, hoje a sociedade se apodera dos sujeitos mais vulneráveis.

98. A missão profética da Família Calabriana no campo juvenil se manifesta particularmente em três áreas: na educação; no trabalho social; na animação vocacional.

No *campo educativo* temos uma vasta tradição e devemos investir mais ainda nossas forças e assumir sempre mais o compromisso com os jovens, favorecendo o seu crescimento segundo o ensinamento de Pe. Calábria, para serem boas pessoas, bons cristãos e bons cidadãos. “*Mantenha-te animado; ajude o Senhor para fazer um pouco de bem na tua santa missão de educador; procure formar bons cidadãos para a nossa querida Pátria, que tanto necessita, e para a Pátria celeste, bons e fiéis cristãos; se forem bons cristãos, serão certamente ótimos cidadãos*”³⁹. Não basta termos jovens e adolescentes nas nossas casas ou nas atividades pastorais que nos foram confiadas, é necessário trabalhar para que se torne uma escolha prioritária e uma paixão para cada religioso, religiosa e leigo empenhado nestes setores.

³⁹ PE. CALABRIA, Carta a Pasetto Paolo, * 1423, 28-04-1948.

99. Devemos viver a profecia da educação, que tem como ponto de apoio o carisma da Paternidade de Deus e o espírito de família e de “casa”, que o jovem facilmente hoje não encontra na sociedade. Além do trabalho educativo, vejo de suma importância a organização de uma pastoral adequada, que seja de suporte à atividade educativa. Espero que a Família Calabriana não chegue nunca a descuidar deste campo educativo. Pode ser que em alguns lugares a educação institucional tenha sido integrada nas escolas profissionais, mas a sensibilidade educativa para com os adolescentes e os jovens deve permanecer viva no coração de cada membro da Família Calabriana.

100. Com relação ao *trabalho social*, não devem esmorecer as forças e as energias a serem investidas na promoção dos setores mais frágeis. O nosso trabalho e a nossa presença não seja somente um serviço social de “assistencialismo”, mas seja o nosso dever para com as novas gerações, em socorro às suas fragilidades, nossa presença e cuidado amoroso, segundo o nosso carisma. Os jovens podem estar marcados pela droga, pela injustiça, pela violência e pela falta do suporte familiar, pode ser um explorado e imigrado. São todas vítimas de um sistema que faz dos jovens um “dependente” dos bens de consumo, de uma sociedade muito mais violenta que a própria guerra, que faz vítimas inocentes, com armas ocultas, as quais matam sem escrúpulo.

101. A profecia da Família Calabriana neste sentido deve ser um grito contra a injustiça e voz de quem não tem voz, de quem é considerado como lixo da sociedade. A opção evangélica pelos jovens deve movimentar nosso coração à proximidade e compaixão, deixando de lado os discursos bonitos que não nos fazem tocar com a mãos as vítimas inocentes. Nós sempre trabalhamos com meninos e adolescentes na prevenção, ajudando-os a sair de um sistema que destrói o futuro de suas vidas. Em outras palavras, devemos desenvolver cuidado para com eles com criatividade, para suscitar um futuro melhor a todos aqueles que a Providência nos envia e são verdadeiramente necessitados. Recordemos bem que este é um dos campos de ação primária e primogênita da Família Calabriana e nesta não deve nunca faltar casas e atividades que acolham crianças e jovens⁴⁰.

⁴⁰ Cf. POBRES SERVOS DA DIVINA PROVIDÊNCIA, *Constituições e Diretório*, n. 28a.

102. Por fim, no âmbito da *cultura vocacional*, a Família Calabriana deve empenhar-se para estar próxima e acompanhar os jovens, para ajudá-los a descobrir a beleza da vida e a importância que cada um tem na sociedade e na Igreja. De modo particular, estar próximos e acompanhá-los para ajudá-los a descobrir o “projeto de Deus”, denominado *vontade ou sonho de Deus* para cada um. Esta missão profética da Obra deve ser capaz de entrar no mundo dos jovens, dos seus sonhos, do seu linguajar, das suas expectativas e motivá-los à luz da Palavra de Deus, a dar uma resposta generosa para assim mudar a humanidade.

103. O jovem tem no coração uma potencialidade e uma disponibilidade que, se bem orientada, é capaz de transformar o mundo; tem uma particular sensibilidade para as várias formas de voluntariado e compromisso com os mais pobres; tem também uma particular sensibilidade e abertura para a transcendência. É também verdade que, além destas potencialidades, os jovens sentem muita a fragilidade e os medos próprios do momento histórico, de uma sociedade líquida e globalizada; estão mergulhados no mundo da internet dos network: twitter, facebook, whatsapp, pelos quais estão constantemente “conectados”. Tudo isto, no entanto, não os impedem de sentir e acolher o chamado de Deus. Para eles é dirigida a mensagem de amor de Deus para que possam entender de que forma podem responder a este amor.

104. No campo educativo, no trabalho social, e especialmente no âmbito da animação vocacional, devemos nos questionar com os jovens, para encontrar, de forma conjunta, respostas proféticas. Para nós há um questionamento mais profundo: por que os jovens admiram a nossa vida consagrada e aquilo que fazemos, se sentem bem trabalhando conosco, mas não se sentem atraídos pelo nosso modo de viver e de ser? Não sei se alguma vez já nos questionamos seriamente sobre isto. Pode ser que eles não consigam colher profundamente o sentido do nosso ser consagrados, mas, também nós devemos verificar se o nosso modo de viver não os atraem porque não manifestamos a verdadeira alegria de sermos pessoas consagradas, realizadas pela nossa vocação e missão.

105. No documento preparatório ao Sínodo dos Bispos sobre os jovens, encontramos algumas destas interrogações a respeito do nosso trabalho e as modalidades para o primeiro contato com o mundo dos jovens. Existem coordenadas para a nossa aproximação aos jovens e colher as riquezas presente em

cada um deles. *“Quem é jovem hoje, vive esta condição num mundo diverso daquele dos próprios pais e educadores. Não somente o sistema de vínculos e oportunidades mudam com as transformações econômicas e sociais, mas mudam, planos, desejos, necessidades, sensibilidade, modos de relacionar-se com os outros”*⁴¹. Como Família Calabriana queremos estar presentes neste evento fundamental da Igreja e procurar acompanhar os jovens que o Senhor nos envia e aos que somos enviados, na certeza que para cada um o Pai tem um projeto de amor.

A profecia da promoção da família, viveiro da humanidade

106. *As famílias* são a outra realidade a que o Senhor no chama hoje de modo particular, para estarmos presentes como Família Calabriana, para viver a profecia da proximidade, da evangelização e da atenção para com as fragilidades. *Na grave hora atual, parece-me que se deva dar a máxima importância à família, base e célula viva da sociedade... porque se a família for sadia, será igualmente sadia a sociedade”*⁴².

Pe. Calábria considerava a família célula viva da sociedade. A Igreja, por sua vez, dedicou a ela um Sínodo e, na belíssima Exortação Apostólica *“A alegria do amor”*, quer confirmar a sacralidade da família, o contexto onde ela se encontra a viver hoje, o campo de evangelização que é próprio da Igreja, mas, sobretudo nos apresentou uma particular proximidade às fragilidades porque atravessa a família neste momento histórico particular. À luz daquilo que Pe. Calábria nos orientou e a Igreja nos pede hoje, parece-me que a Obra tenha neste contexto uma grande missão de profecia.

107. Papa Francisco, além de exaltar a beleza e a sacralidade da família cristã, aborda a questão das fragilidades das famílias e como seria necessário *“acompanhar, discernir e integrar”*. Os padres sinodais afirmaram que a Igreja, não obstante reprima qualquer ruptura do vínculo matrimonial contrária à vontade de Deus, está consciente da fragilidade de muitos de seus filhos, e deve acompanhar com atenção e urgência os seus filhos mais frágeis, marcados pelo amor ferido e perdido, devolvendo confiança e esperança, como a luz do farol de um porto ou de

⁴¹ SÍNODO DOS BISPOS, XV Assembleia Geral Ordinária, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Documento Preparatório, Cap. I, jovens no mundo de hoje.

⁴² PE. CALABRIA, *Carta a Mons. Ferdinando Baldelli*, *9848, 03-03-1953.

uma chama, carregada no meio do povo para iluminar aqueles que perderam a rota ou se encontram em meio a uma tempestade⁴³.

108. A postura a que somos convidados a tomar é a do acolhimento, que revoluciona toda a precedente impostação pastoral. Cada família é uma realidade viva, onde devemos aprender a ver o bom e acompanhá-lo para que cresça. É um salto fundamental a que somos chamados a dar: não julgar, mas acompanhar. Esta é a maneira mais comprometedora porque, julgar é uma operação mental, enquanto que acompanhar é uma operação psicofísica, afetiva, profundamente espiritual: uma operação evangélica. Trabalhar com o avental festivo, confrontar-se, assumir de modo atento e respeitoso das situações tão delicadas exige preparação, escuta, sensibilidade. É necessário discernimento, não receitas prontas, mas atitudes de autêntica caridade⁴⁴.

109. A Família Calabriana deve mostrar-se próxima e profética, com uma particular atenção às famílias; as que encontramos todos os dias na atividade pastoral e as que o Senhor envia e entram em contato com a Obra por causa dos sofrimentos que carregam dentro de si, por causa de sua situação de pobreza, pela angústia dos filhos envolvidos na droga, pelo sofrimento da deficiência física, pelas doenças irreversíveis, e as divisões no seio das mesmas. Os sofrimentos em família, as separações e as divisões deixam grandes feridas abertas. O grito profético da Obra é mostrar que lhes estamos próximos e a paternidade de Deus, que não abandona os seus filhos nestes momentos particulares da vida, mas que renova a esperança e permanece sempre próximo, mesmo através do sofrimento e das feridas.

110. Creio seja oportuno que, além do empenho pessoal de cada um em acompanhar estas situações pessoais, existem na Família Calabriana espaços onde as famílias podem encontrar acolhimento sem prévio julgamento, compreensão, escuta fraterna e uma palavra que nasce da mensagem evangélica, que as ajudem a se encontrar com a pessoa de Jesus Cristo, o qual quer estar junto a qualquer situação de sofrimento. Nestes lugares dever-se-ia oferecer como primeiro contato às famílias machucadas, um acolhimento que as façam experimentar um Deus próximo e misericordioso. Estou também convencido que não basta isto, sobretudo

⁴³ Cfr. PAPA FRANCISCO, *Esortação Apostólica Amoris Letitia*, Capítulo VIII.

⁴⁴ MONS. ERIO CASTELLUCCI, Arcebispo de Modena e Nonantola, *Carta Pastoral para o ano 2016-2017*.

nas situações mais complexas, onde se deve acrescentar ao acolhimento e escuta uma ajuda psicológico-espiritual. Afirma Ir. Enzo Biemmi, teólogo pastoral, falando de pessoas separadas ou divorciadas: *“a ajuda psicológica e espiritual não somente não se excluem, mas se integram e se sustentam mutuamente. Há muito tempo que eu vejo que o dever comum para os dois, é o da profecia. Profeta é aquele que vê em favor de alguém, aquilo que a pessoa envolvida naquele momento não consegue ver. A profecia é o cuidado da esperança para quem neste momento não está em condições de esperar... As duas competências se respeitam mutuamente e se servem uma da outra para o bem das pessoas na sua totalidade”*⁴⁵.

111. O encontro e o acompanhamento de tantas famílias despedaçadas, de casais marcados por um amor ferido, de pais transpassados pela dor, de filhos que não têm mais pontos de referência ou têm demais (famílias alargadas), nos mostra quanto profético é o convite de Pe. João Calábria a por este trabalho para o bem-estar destas famílias no centro e como prioridade do nosso agir pastoral. Trabalhar neste campo significa descobrir e fazer descobrir a toda criatura a beleza e o sentido profundo de ser família cristã.

Meu desejo é que a Família Calabriana espalhada pelo mundo acolha estas provocações que provém de situações reais da humanidade e seja sinal de esperança e manifestação de uma Igreja em saída que, segundo o nosso carisma, seja capaz de mostrar um rosto de “Pai” em todas as realidades marcadas por grandes males e falência das relações, da crise dos valores evangélicos.

A profecia de uma gestão evangélica e carismática

112. O tema da gestão profética, evangélica e calabriana sempre teve pouca consideração. O último Capítulo Geral nos convidou a refletir e a por em prática uma modalidade de gestão que fosse expressão do evangelho e do carisma. Convém recordar brevemente qual é o contexto no qual vivemos e trabalhamos. Entender onde estamos é necessário para deixar claro o que é fruto do Reino e também o que prejudica o projeto de Deus.

Infelizmente, a economia, sendo particularmente globalizada e transversal na sociedade de hoje, se sobrepõe e condiciona todas as demais dimensões da vida

⁴⁵IR. ENZO BIEMMI, *Acompanhar pessoas separadas e divorciadas, Relação na Formação de operadores de pastoral familiar*, 9 de abril de 2017.

humana. A dinâmica do mercado baseado na concorrência, faz com que tudo, incluídas as relações humanas, seja valorizado com base nos valores, como a eficiência e a produtividade. Pode-se dizer que estes valores são declarados “*absolutos*” pela lei de mercado, tornando-se mais importantes de qualquer outra dimensão.

113. A atual sociedade fez da economia um processo que promove a iniquidade e a injustiça. Este tipo de economia não dá importância aos valores que vão além do mercado, e exclui deste modo todos aqueles aspectos que na realidade são mais importantes na vida do homem: a verdade, a justiça, o amor e especialmente a dignidade e os direitos das pessoas, inclusive as que vivem às margens do sistema econômico. Substancialmente vivem numa sociedade dominada pelas dinâmicas da economia e de uma finança carente de ética. Isto provoca uma “*cultura do descarté*” - como diz o Papa Francisco – que, infelizmente tende a se tornar mentalidade comum que contagia a todos

É nesta sociedade, poluída pela “*cultura do descarté*”, que a gestão das obras calabrianas deve ser um sinal capaz de valorizar as pessoas como filhos de Deus. Realizar uma gestão profética hoje, é nadar contra a corrente, opondo-se à cultura econômica dominante. Eis então que a profecia da gestão consiste em colocar as pessoas em primeiro lugar, tornando-as protagonistas na concretização da missão. Neste cenário, o método de gestão para as organizações oriundas de um carisma, pode ser a verdadeira profecia de hoje, como no passado foram os mosteiros.

114. Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e na Encíclica *Laudato Si'*, nos leva a considerar outro tipo de economia e organização. Segundo ele, hoje devemos nos esforçar para promover uma economia de inclusão, iniciando exatamente pela recuperação das raízes humanas.

Hoje, as “obras” e as atividades que realizamos, devem ser proféticas também no âmbito da economia e da transparência, do contrário, não têm razão de existir. Pequenas ou grandes, devem ser lugares de inovação e de criatividade, capazes de dar à sociedade atual e ao ambiente que abriga um método de gestão humanizada, onde os colaboradores e os “beneficiários” (nossos patrões, como os chamava Pe. Calábria) são os protagonistas.

Somente tal método de gestão pode ser profético e testemunhar o carisma de São João Calábria, considerando, sobretudo, que na sociedade em que vivemos a

primeira profecia é a de viver o abandono na Divina Providência, a qual não exclui “o ter a cabeça sobre o pescoço”.

115. Na Administração Geral da Congregação amadurecemos e partilhamos um percurso que nos ajuda a encontrar modelos de gestão para as nossas atividades e missões, que possam manifestar mais claramente os princípios do carisma calabriano. Estes modelos, além de serem particularmente coerentes com o carisma institucional, obtêm resultados significativos no que se refere à qualidade nos serviços. Tratam-se de modelos perfeitamente realizáveis no contexto contemporâneo e úteis para criar **um método calabriano de gestão colegiada**, capaz de traduzir na prática o carisma.

116. Enfim, a primeira profecia a que somos chamados a manifestar é a que nos deixou Pe. Calábria, isto é, comprometendo pessoas, que em comum se põem à busca da vontade de Deus, para que seja transmitido o carisma, também no modo de administrar e gerir as atividades. O próprio Pe. Calábria trabalhava com os “*conselhos de família*”; fazia-se ajudar por pessoas próximas, isto é, procurava trabalhar de forma colegiada, conforme os modelos de seu tempo. Em resumo, também ele consultava outros, antes de tomar uma decisão, e esta consulta enriquecia a ele, mas, sobretudo as pessoas a quem chegava a mensagem evangélica, que inspirava qualquer iniciativa em favor dos mais pobres e abandonos. Também hoje, a evangelização e a missão profética da Família Calabriana deve levar em conta estes elementos fundamentais para manifestar o carisma.

CONCLUSÃO

117. Conscientes de ter apresentado somente alguns tópicos para a reflexão e questionamento, encaminhamo-nos para a conclusão, deixando aberto o tema da profecia, para que cada comunidade e realidade da Família Calabriana possam interrogar-se e aprofundar a reflexão e tomada de posição sobre a grande missão que temos.

Todos os dias somos questionados a procurar novas formas de fidelidade criativa à nossa espiritualidade, e o tema da profecia nos ajudará a agir segundo o projeto de Deus. Como já temos dito, o profeta é a pessoa e a comunidade que

consegue interpretar a vontade de Deus no contexto histórico em que se encontra. Devemos manter sempre um ouvido em Deus e outro no povo/na história, para captar os desejos mais profundos de ambos e buscar em conjunto uma resposta, não somente por uma atividade concreta, mas, sobretudo pelo anúncio da esperança e alegria, na presença e na transparência do carisma.

118. Nisto, chamou muito a minha atenção, e creio que isto seja de uma atualidade extraordinária, o que escreveu Luigino Bruni a respeito da vocação profética nos tempos atuais: *“Para que uma vocação profética produza frutos típicos e essenciais, é necessário que os profetas não tenham medo de questionar a voz que os chama, não tenham medo de introduzir no seu diálogo vocacional as feridas mais profundas do povo, de tocá-las para curá-las. Quase sempre, ao invés, os profetas, inclusive os verdadeiros e honestos, param cedo demais ao depararem-se com as dores profundas do próprio povo. E assim, a profecia é epidérmica, cosmética, diz somente palavras amenas, não consegue gritar, não salva ninguém. Faltando o Sim ao povo, a profecia não convence, não é sponsal, não se torna carne, a esperança é por demais fácil para ser fidedigna. Para que nos tempos de prova o grito dos profetas seja também o grito do povo, faz-se necessário que os profetas sejam capazes de “descer aos infernos” e aí encontrar os próprios mortos e fazê-los ressuscitar. É desta forma que os profetas consolam o seu povo. Não conhecem outra consolação verdadeira. Nahamùnahamù ’ammì: “Consolai, consolai o meu povo”⁴⁶.*

Que o Senhor nos conceda um ouvido e um coração abertos, para que possamos acolher este grito mais profundo e a Família Calabriana se torne hoje, o lugar de uma profecia alegre e fidedigna. Rezo para que em todas as realidades e presenças da Família Calabriana no mundo, se possa fazer soar novamente o grito profético do nosso Pe. João Calábria, que hoje como então, nos diz como o profeta: *“Consolai, consolai o meu povo”*.

119. Por fim, a verdadeira profecia brota da santidade de vida, pessoal e de uma comunidade que se põe à escuta da Palavra, e procura vivê-la nas situações de cada dia, partilhando as alegrias e as angústias do povo. O mundo está cansado de palavras, acredita nos testemunhos, e se crê nas palavras é porque por traz delas há um testemunho vivo, que garante com a própria vida o que está dizendo⁴⁷. O

⁴⁶ BRUNI LUIGINO, *In ascolto della vita / 20. Le consolazioni della profezia*. Avvenire, Sabato 5 novembre, 2016.

⁴⁷ Cfr. PAPA PAULO VI, *Evangelii Nunziandi*, 41.

meu desejo é que em toda a Família Calabriana haja menos mestres e mais discípulos, menos pessoas, comunidades e atividades que dizem o que fazem e mais testemunhas vivas de amor e presença, para que no fim da vida vença o amor, não as palavras.

120. Maria, mãe do verdadeiro Profeta, interceda por nós e nos ajude na caminhada que estamos iniciando, para que a voz do Carisma que nos deixou São João Calábria e foi transmitido por muitos dos nossos irmãos, irmãs e leigos no mundo, continue a ressoar, por meio de palavras e fatos, que Deus é Pai e nos ama.

Lembro-vos a todos nas minhas orações. Rezem por mim.

Fraternalmente,

Pe. Miguel Tofful

Verona, 8 de setembro de 2017
Natividade da Bem Aventurada Virgem Maria